

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS

DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

JOÃO PEDRO BARCELLOS ADAMS

MOVIMENTO VEGETARIANO EM PORTO ALEGRE

Ativismo na Capital do Estado onde o consumo de carne é parte importante da
identidade cultural do povo

PORTO ALEGRE

2022

JOÃO PEDRO BARCELLOS ADAMS

MOVIMENTO VEGETARIANO EM PORTO ALEGRE

Ativismo na Capital Estado onde o consumo de carne é parte importante da
identidade cultural do povo

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito para obtenção de grau de
Bacharel em Geografia, pelo Instituto de
Geociências da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Argenta Câmara

PORTO ALEGRE

2022

CIP - Catalogação na Publicação

Adams, João Pedro Barcellos
MOVIMENTO VEGETARIANO EM PORTO ALEGRE: Ativismo na
Capital do Estado onde o consumo de carne é parte
importante da identidade cultural do povo / João Pedro
Barcellos Adams. -- 2022.
60 f.
Orientador: Marcelo Argenta Câmara.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Geociências, Bacharelado em Geografia, Porto
Alegre, BR-RS, 2022.

1. Vegetarianismo. 2. Ativismo. 3. Consumo de
Carne. 4. Impactos Ambientais. 5. Geografia Humana. I.
Câmara, Marcelo Argenta, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Agradecer acima de tudo, à minha família e aos meus amigos, que são a base de tudo, sem eles nada seria possível.

E agradecer ao Professor Marcelo, que me “apresentou” a Geografia no Ensino Médio, me inspirou como professor nas cadeiras da Faculdade e, por fim, me orientou na finalização dessa etapa dentro da Geografia.

A independência se restringe ao hino e à bandeira se não se fundamenta na soberania alimentar. Tão só a diversidade produtiva pode nos defender dos mortíferos golpes da cotação internacional, que oferece pão para hoje e fome para amanhã. A autodeterminação começa pela boca.

Eduardo Galeano, “As Veias Abertas da América Latina”, prefácio à edição de 2010.

RESUMO

A proposta deste trabalho é identificar o ativismo relacionado ao Movimento Vegetariano na cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, através de uma pesquisa em Geografia Humana. Para isso, alguns objetivos foram estabelecidos. Em um primeiro momento, busca-se apresentar o que há por trás da produção e do consumo de carne pela sociedade, com o foco principal destinado aos impactos ambientais causados por atividades como a pecuária. Em um segundo momento, é realizada uma pesquisa a respeito da cultura do povo do Rio Grande do Sul, e sua ligação cultural com a carne, presente na formação do modo de vida do gaúcho. Para finalizar, a cidade de Porto Alegre é a área de estudo, com o objetivo de identificar ações e organizações que possam caracterizar a existência de um ativismo dentro da prática do vegetarianismo na cidade. Sugere-se, assim, o vegetarianismo como um contraponto aos danos ambientais causados pela prática do consumo de carne.

Palavras-chave: Vegetarianismo; Ativismo; Consumo de Carne; Impactos Ambientais; Geografia Humana.

ABSTRACT

The purpose of this work is to identify activism related to the Vegetarian Movement in the city of Porto Alegre, Rio Grande do Sul, through a research in Human Geography. For this, some objectives were established. At first, we seek to present what is behind the production and consumption of meat by society, with the main focus on environmental impacts caused by activities such as livestock. In a second moment, a research is carried out about the culture of the people of Rio Grande do Sul, and its cultural connection with the meat, present in the formation of the way of life of the gaucho. Finally, the city of Porto Alegre is the study area, in order to identify actions and organizations that can characterize the existence of activism within the practice of vegetarianism in the city. Thus, vegetarianism is suggested as a counterpoint to the environmental damage caused by the practice of meat consumption.

Keywords: Vegetarianism; Activism; Meat Consumption; Environmental Impacts; Human Geography.

RESUMEN

La propuesta de este trabajo es identificar el activismo relacionado al Movimiento Vegetariano en la ciudad de Porto Alegre, en Rio Grande do Sul, a través de una investigación en Geografía Humana. Para ello, se han establecido algunos objetivos. En un primer momento, se busca presentar lo que hay detrás de la producción y el consumo de carne por la sociedad, con el foco principal destinado a los impactos ambientales

causados por actividades como la ganadería. En un segundo momento, se realiza una investigación acerca de la cultura del pueblo de Rio Grande do Sul, y su vínculo cultural con la carne, presente en la formación del modo de vida del gaucho. Para finalizar, la ciudad de Porto Alegre es el área de estudio, con el objetivo de identificar acciones y organizaciones que puedan caracterizar la existencia de un activismo dentro de la práctica del vegetarianismo en la ciudad. Se sugiere, por tanto, el vegetarianismo como contrapunto a los daños ambientales causados por la práctica del consumo de carne.

Palabras clave: Vegetarianismo; Activismo; Consumo de Carne; Impactos Ambientales; Geografía Humana.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABIEC - Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne

FAO - Food and Agriculture Organization of the United Nations

GEE - Gases do Efeito Estufa

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INPE - Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais

IPAM - Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia

IPCC - International Panel on Climate Changes

IVU - International Vegetarian Union

Kcal - Quilocaloria

ONG - Organização Não Governamental

ONU - Organização das Nações Unidas

RS - Rio Grande do Sul

SICADERGS - Sindicato da Indústria de Carnes e Derivados do Estado do Rio Grande do Sul

SVB - Sociedade Vegetariana Brasileira

TEC - Tonelada Equivalente Carcaça

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Maiores rebanhos e maiores produtores de carne	26
Figura 2: Evolução da produção de carne bovina	26
Figura 3: Maiores exportadores de carne bovina do mundo em 2021	27
Figura 4: Evolução das exportações de carne bovina	27

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 OBJETIVOS	12
2.1 Objetivo Geral	12
2.2 Objetivos Específicos	12
3 JUSTIFICATIVA	13
4 A GEOGRAFIA DA CARNE	14
4.1 Alimentação, produção e consumo de carne: História e Geografia	14
4.2 Produção e consumo de carne na contemporaneidade	19
4.3 Os impactos ambientais causados pela pecuária	21
4.4 Reflexões sobre uma possível colonialidade ambiental	24
5 A CARNE NO RIO GRANDE DO SUL	30
5.1 Identidade, modo de vida e alimentação	30
5.2 A carne na história do RS e na formação do gaúcho	32
5.3 A produção e o consumo de carne no Rio Grande do Sul	34
6 O VEGETARIANISMO EM PORTO ALEGRE: OS DESAFIOS DO CONSUMO ENQUANTO ATO POLÍTICO	36
6.1 A insustentabilidade do consumo de carne	36
6.2 O vegetarianismo além da dieta	39
6.3 Movimento Vegetariano em Porto Alegre: ativismo na capital do churrasco	42
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	51

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa busca inicialmente analisar os impactos ambientais causados pela atividade pecuária e pelo alto consumo de carne pela população mundial. A partir disso, procura identificar como o vegetarianismo se coloca como resistência a essa problemática. Podendo agir como um movimento social, indo além de uma simples dieta, o vegetarianismo - e suas vertentes, como será visto a seguir - busca transformar a relação de consumo da sociedade com a carne animal, trazendo assim benefícios ambientais ao mundo.

A atividade pecuária acarreta em diversos impactos ao ambiente que põem em risco o equilíbrio do planeta, tais como desmatamento, escassez de água, emissão de gases de efeito estufa, poluição, extinção de espécies, assim como enormes riscos à saúde pública, como mostra o relatório “Comendo o Planeta: Impactos Ambientais da Criação e Consumo de Animais”, publicado pela SVB (Sociedade Vegetariana Brasileira) em 2018. Recentemente, em um estudo publicado pelo IPAM (Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia), em 2021, foi atribuída à pecuária a principal causa do desmatamento na Amazônia, correspondendo a 75% das terras públicas desmatadas na região. Essa alta porcentagem se deve ao fato de que há a necessidade de grandes terras serem transformadas em pasto para atender tanto ao mercado pecuário brasileiro quanto ao estrangeiro¹.

Tendo em vista esses impactos ambientais causados pela pecuária, se encontra o vegetarianismo que, dentro de suas atribuições, procura diminuir o consumo de carne entre a população, boicotando assim uma das atividades mais nocivas ao planeta. A pesquisa busca apontar a importância do vegetarianismo para essa causa, analisando como esse movimento age para além da dieta, salientando seu ativismo e sua contribuição socioambiental. A cidade de Porto Alegre, “Capital do Churrasco²”, no Rio Grande do Sul (RS), Estado onde o consumo de carne está ligado à história e à identidade cultural do povo, possuindo o maior consumo de carne per capita do país³, será a área de estudo da pesquisa.

O vegetarianismo como dieta alimentar pode ser praticado de diversas maneiras, conforme a adaptação de cada um à sua alimentação. A *International Vegetarian Union* (IVU), instituição fundada em 1908 que une diversas sociedades vegetarianas pelo mundo,

¹ No ano de 2015, o Brasil foi o segundo maior consumidor e exportador de carne bovina do mundo, sendo o país com maior rebanho bovino nesse período (EMBRAPA, 2017).

² [Prefeitura lança projeto para transformar Porto Alegre na Capital Mundial do Churrasco](#)

³ [RS consome 10 kg a mais de carne que a média nacional](#)

realizando congressos sobre o tema e agindo em prol da causa há mais de um século, define o vegetarianismo como uma dieta derivada de plantas, incluindo cogumelos, algas e sal, e excluindo qualquer carne animal (por exemplo, carne bovina, aves, porco, peixe, frutos do mar), com ou sem o uso de produtos lácteos, ovos e/ ou mel. A instituição, assim como outras organizações, traz dentro do conceito principal de vegetarianismo algumas vertentes da dieta, sendo todas incluídas, respeitadas e tratadas da mesma maneira dentro do movimento (IVU, 2013).

Para conceituar os principais tipos de vegetarianismo, foram usadas como base as definições da IVU e da SVB, organização sem fins lucrativos fundada em 2003 com o objetivo de promover a alimentação e os princípios da dieta sem consumo de carne no Brasil. Entre as principais formas de praticar o vegetarianismo estão:

- Veganismo: movimento em que seus adeptos evitam, na medida do possível e do praticável, excluir todas as formas de exploração e crueldade contra os animais - seja na alimentação, vestuário ou outras esferas do consumo. Dessa maneira, o vegano não se restringe a não consumir produtos oriundos de animais apenas no que tange à alimentação, mas expande a prática a outras formas de consumo também. Dentro da sua dieta a exclusão se dá no consumo de carne (bovina, suína, peixes, aves, etc.) e alimentos de origem animal (ovos, laticínios, mel). Evita também produtos de origem animal em outros setores, como na vestimenta (couro, seda, lã, etc.), cosméticos, produtos de higiene, entre outros. Junto a isso, procura também não consumir a utilização animal para outros fins, como entretenimento, esportes, pesquisa, etc.
- Vegetarianismo estrito: não consome nenhum tipo de produto de origem animal em sua alimentação, se restringindo apenas à sua dieta.
- Ovolactovegetarianismo: consome ovos e laticínios em sua alimentação.
- Lactovegetarianismo: consome laticínios em sua alimentação.
- Ovovegetarianismo: consome ovos em sua alimentação.

A seguir, as definições através de uma tabela, para melhor entendimento do leitor:

Dieta Alimentar	Consumo de Carne	Consumo de Laticínios	Consumo de Ovos	Consumo de Mel	Restrições além do âmbito alimentar
Veganismo	Não	Não	Não	Não	Sim
Vegetarianismo Estrito	Não	Não	Não	Não	Não
Ovolactovegetarianismo	Não	Sim	Sim	Sim	Não
Lactovegetarianismo	Não	Sim	Não	Sim	Não
Ovovegetarianismo	Não	Não	Sim	Sim	Não

As motivações para adotar o vegetarianismo (termo empregado aqui em sentido amplo), podem ser diversas. Entre as principais, pode-se citar: a questão ética, que tem como maior incentivo a causa animal; a questão de saúde, visto que diversos estudos científicos apontam os benefícios da dieta sem carne para o corpo humano; a questão social e política, que se opõe ao desperdício e à má distribuição alimentar causados pelo consumo de carne, visto que o cultivo que é direcionado ao alimento dos animais em rebanho poderia ser convergido diretamente para o consumo humano; e a questão ambiental, que possui como maior motivação para aderir à dieta vegetariana o boicote à atividade pecuária e aos danos causados pelo consumo de carne ao meio ambiente.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Trazendo a problemática referente ao consumo de carne e os consequentes impactos ambientais causados pela atividade pecuária, essa pesquisa busca analisar o vegetarianismo como um movimento social, visto que busca mudar essa relação de consumo, propondo uma nova configuração social entre a sociedade e o ambiente.

Tendo a cidade de Porto Alegre como área de estudo, o objetivo geral da pesquisa é identificar se existe um ativismo dentro da prática do vegetarianismo na cidade, podendo assim ser considerado um movimento social local. Partindo dessa identificação, busca-se analisar como o vegetarianismo (e seu possível ativismo) cresce e como se estabelece na capital do Rio Grande do Sul.

2.2 Objetivos Específicos

- a) Traçar uma Geografia da Carne, identificando as relações sociais, políticas e ambientais que ocorrem desde a produção até o consumo de carne pela população;
- b) Identificar a relação histórico-cultural do Rio Grande do Sul e, consequentemente, de sua capital Porto Alegre, com o consumo de carne;
- c) Analisar o vegetarianismo em Porto Alegre e os desafios do consumo enquanto ato político.

3 JUSTIFICATIVA

A motivação para essa pesquisa começou há alguns anos, quando me identifiquei e adotei o vegetarianismo como dieta no meu dia a dia. Adentrando o mundo dessa causa, me deparei com algo que ia muito além do simples fato de não consumir carne nas minhas refeições: havia ali um estilo de vida, uma forma de enxergar a relação com o planeta e com todos e todas que vivem nele. Quanto mais estudava e descobria os benefícios do vegetarianismo para a natureza, mais me identificava com a causa. E conforme minha vida dentro da universidade seguia na Geografia, aprendendo sobre a relação da sociedade com o ambiente, passei a ver o vegetarianismo como a alternativa que mais contemplava tudo aquilo que eu via em sala de aula e em saídas de campo. Assim, ser vegetariano se tornou algo que representava aquilo que eu defendia e acreditava.

Dentro disso, uma das causas que mais me chamou a atenção dentro do vegetarianismo foi o benefício que esse movimento traz para o meio ambiente, pelo modo como boicota o consumo de carne e a indústria pecuária, responsáveis por impactos ambientais irreparáveis que põem o equilíbrio do planeta Terra em risco. Me deparando com isso, refleti sobre o porquê da Geografia não tratar com frequência o vegetarianismo como algo a ser estudado, debatido, difundido nas salas da universidade, nos projetos de pesquisa e na academia. Identificando que existe uma relação muito forte entre ser vegetariano e a Geografia, busquei autores como Carlos Walter Porto-Gonçalves, renomado geógrafo com obras voltadas ao estudo de movimentos sociais e territorialidades, para agregar ao trabalho. Procurei dados relacionados à produção e ao consumo de carne em órgãos nacionais, como IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais), para sustentar a pesquisa. Para acrescentar mais ainda ao trabalho, trouxe autores de outros campos científicos, como o peruano Aníbal Quijano e o espanhol Manuel Castells, ambos do campo da Sociologia. E, claro, Milton Santos, sempre indispensável em qualquer estudo geográfico, foi também utilizado como referência teórica.

Com isso, sinto que esse trabalho se faz necessário, ainda mais pelo fato de eu ter nascido e ter vivido minha vida toda no Rio Grande do Sul, estado onde a carne é parte importante da identidade cultural do povo e o churrasco é presente semanalmente nas casas dos gaúchos.

4 A GEOGRAFIA DA CARNE

No capítulo A Geografia da Carne, almeja-se identificar as relações políticas, econômicas, sociais, culturais e ambientais que envolvem o consumo de carne pela população, junto à atividade pecuária, e àquilo que está por trás do simples ato de comer carne. Para alcançar os objetivos do capítulo, foi buscado referências teóricas sobre o assunto, assim como levantado pesquisas e relatórios acerca da produção e do consumo de carne no Brasil e no mundo. O enfoque maior é dado ao aspecto ambiental, visto como de extrema urgência perante a situação global em relação às mudanças climáticas e às projeções futuras relacionadas à sustentabilidade do planeta.

O ato de comer, de se alimentar, vai muito além de uma simples necessidade do corpo humano. Comer pode ser considerado um ato cultural, identitário e até mesmo político. “A autodeterminação começa pela boca.” (GALEANO, 2010, p. 7). A alimentação pode dizer muito sobre a história, a cultura e os valores de uma sociedade, e analisar o consumo de carne sob as lentes da Geografia se faz necessário para contemplar as relações e as implicações resultantes do ato de criar animais para o consumo alimentar humano.

Para compreender melhor as implicações espaciais dessa relação histórica de produção e consumo, é preciso fazer um levantamento histórico do desenvolvimento da alimentação ao longo da existência humana.

4.1 Alimentação, produção e consumo de carne: História e Geografia

Ao observar as mudanças e nuances na alimentação humana ao longo dos séculos, é possível compreender aspectos sociais e culturais de uma sociedade, assim como a produção de um determinado espaço geográfico.

Partimos do pressuposto que não existe sociedade a-geográfica assim como não existe espaço geográfico a-histórico. Assim como todo espaço geográfico está impregnado de historicidade, a história está, sempre, impregnada de geograficidade. (PORTO GONÇALVES, 2003).

Dentro da história da humanidade, a alimentação possui um valor histórico marcante, definindo épocas e determinando avanços da sociedade. E dentro da alimentação, o consumo de carne também possui seu valor simbólico, seja social, cultural, econômico ou ambiental. A alimentação de determinado povo está ligada a vários sentidos históricos e geográficos, como as condições geográficas de determinada região, os aspectos religiosos e espirituais pregados pela sociedade, assim como pode ser ligada a uma questão de distinção social e de classe entre a população.

Nas primeiras civilizações, como na Mesopotâmia, o pão era um alimento de alto valor simbólico, visto que significava uma grande evolução de uma cultura nômade para uma cultura sedentária, capaz de produzir seu próprio alimento com o advento da agricultura, como salienta Marcos Hiath em seu ensaio “A colonialidade do que se come: sobre produção de carne e crise ambiental”, de 2013. Dessa maneira, o pão, o vinho e outros alimentos que eram cultivados recebiam um valor cultural mais expressivo do que alimentos oriundos da coleta e da caça.

Seguindo esses valores culturais, os impérios grego e romano mantinham o consumo de carne como algo não muito corriqueiro, sendo reservado para festas e comemorações, mantendo a base alimentar de sua população baseada no pão e em outros produtos da terra. Outra questão importante que influenciava essa cultura eram os sacrifícios pagãos, onde o animal por vezes possuía um valor sagrado.

Havia um código que proibia determinadas espécies de animais de serem mortos para consumo, existia permissão somente para o sacrifício em épocas em que podiam se dar a esse luxo. Há muito de racionalidade econômica na valorização da vida de um animal em detrimento de outro. Os que dão leite, os que puxam arados e oferecem lã, por exemplo, são de maneira recorrente na história, elevados à categoria de sagrados. (HIATH, 2013).

Essa cultura começa a mudar a partir de dois fatores - a cristianização do Império Romano, dando fim aos rituais pagãos, e a invasão e a expansão dos povos bárbaros, de origem germânica e com alta valorização da carne na dieta de seus guerreiros.

Entrando na era medieval, a carne passa a superar o pão como símbolo essencial da alimentação, por forte influência germânica e cristã. Assim, a caça se tornou de extremo valor cultural, virando um símbolo de força e valentia, associado aos guerreiros. Passa a haver também uma distinção social, onde as classes nobres fazem consumo de determinadas carnes,

tidas como símbolo de superioridade em relação às variedades de carnes consumidas pelos camponeses. “O consumo de carne tornou-se um símbolo de status de alta classe. A posição social de uma pessoa era avaliada – em grande parte – pela quantidade e pela qualidade da carne que ela pudesse comer.” (HIATH, 2013).

Com o advento das grandes navegações, criaram-se novas relações, técnicas e trocas entre culturas e sociedades até então distantes e sem comunicação⁴. Com a gastronomia agindo como um fator importante nesse sentido, e com o estabelecimento das relações metrópole-colônia, as técnicas culturais de alimentação e de gastronomia por parte dos impérios europeus foram difundidas para as suas colônias ao redor do globo, visto o caráter impositivo dessa relação⁵. Dessa maneira, o hábito de consumir carne nas proporções europeias se expandiu ao mundo todo.

Nesse período, a alimentação ganhou um forte status de mercadoria, visto que as expansões marítimas europeias trouxeram inovações gastronômicas ao paladar europeu, como novas especiarias e temperos. A possibilidade de transporte dessas novas mercadorias criou novas relações econômicas, tendo a gastronomia como um fator de extrema relevância no mercado. Logo, essas novas relações construídas entre as metrópoles e as colônias causaram uma diversificação dos cardápios, e uma homogeneização da relação com o que era consumido (HIATH, 2013).

Esse período marcado pela expansão marítima europeia, principalmente por países como Portugal e Espanha, teve advento no século XV, e foi determinante para construir uma organização social que perpetua até os dias de hoje. A contextualização desse período da história se faz necessária para entendermos a produção e o consumo atual de carne na contemporaneidade, assim como permite entender questões ambientais, sociais e políticas dos tempos atuais.

A partir dos avanços ao mar dos países ibéricos, chegando à América, alguns processos começam a definir relações e construções sociais, dando início ao que é chamado de Sistema Mundo Moderno-Colonial (QUIJANO, et al). Esse é tido como o primeiro

⁴ Ao falar em técnica, usamos a conceituação de Milton Santos: “É por demais sabido que a principal forma de relação entre homem e natureza, ou melhor, entre o homem e o meio, é dada pela técnica. As técnicas são um conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço. Essa forma de ver técnica não é, todavia, completamente explorada” (SANTOS, 1996, p.16).

⁵ “Ao longo da história, as trocas entre grupos e, sobretudo, as desiguais, acabam por impor a certos grupos as técnicas de outros. Entre aceitação dócil ou reticente, entre imposição brutal ou dissimulada, a escolha é, entretanto, inevitável.” (SANTOS, 1996, p. 123).

momento em que se pode falar de uma “história mundial”, visto que antes as histórias dos países coexistiam separadamente. E esse primeiro período histórico de um mundo existindo em conjunto, trouxe a ideia de uma Europa como centro do mundo (eurocentrismo), conforme conquistava e acumulava riquezas do continente americano, utilizando o poder que obteve através da força sobre as populações ameríndias, para obter uma “vantagem comparativa” em relação às outras nações. Dessa forma, a “modernidade” europeia, impulsionada pelo mercantilismo mundial, está estritamente ligada ao papel centralizador conquistado pelos países ibéricos na conquista da América, e no estabelecimento das relações metrópoles/colônias, impondo o papel oposto aos países americanos (periferias) (DUSSEL, 2005), constituindo assim o Sistema Mundo Moderno-Colonial. Carlos Walter Porto-Gonçalves (2003) considera a dimensão espacial como fundamental para se caracterizar esse Sistema, apontando o papel importante da natureza na constituição desse mundo moderno-colonial:

Afinal, a Europa só se afirma como centro geopolítico e cultural do mundo moderno a partir da constituição da América enquanto periferia colonial (1492) com seu ouro e sua prata; com sua tropicalidade, condição natural favorável, mas não suficiente, sabemos, para o plantio da cana, do cacau, do algodão, do café, da banana, ou para a coleta da canela, da borracha, do caucho; e, ainda por meio do braço escravo modernamente implantado ou por meio da servidão indígena modernamente direcionada para atender aos ditames de acumulação de capital do conquistador. (PORTO-GONÇALVES, 2003).

A criação dessa nova relação de poder, trouxe um fator social que contribuiu para a manutenção e perpetuação do poder: a raça. O surgimento das culturas americanas à vista dos europeus, trouxe a necessidade de hierarquizar algumas identidades sociais pouco conhecidas até então na Europa: índios, negros e mestiços. Também trouxe outro viés para identidades até então geográficas, adicionando a conotação racial a europeus, portugueses, espanhóis, etc. A questão racial foi agregada à identidade social, sendo um fator de classificação básico da sociedade, e legitimado na prática superioridade/inferioridade entre dominantes e dominados (QUIJANO, 2005).

Desse modo, raça converteu-se no primeiro critério fundamental para a distribuição da população mundial nos níveis, lugares e papéis na estrutura de poder da nova sociedade. Em outras palavras, no modo básico de classificação social universal da população mundial. (QUIJANO, 2005, p. 118)

Após esse contexto histórico dos primeiros contatos entre Europa e América, e as novas relações sociais, econômicas e culturais que se estabeleceram a partir dali, se perpetuou o termo conceituado como "colonialidade", proposto e difundido por pesquisadores e pensadores latino-americanos, como o filósofo argentino Enrique Dussel e o sociólogo peruano Aníbal Quijano. Durante o período onde a relação metrópole e colônia era consolidada, perpetuava o colonialismo, uma forma de imposição no qual um território exerce controle e domínio sobre outro povo, de forma política, militar, cultural, etc. Com a independência dos países colonizados esse aspecto chegou ao fim. Porém, o colonialismo se manteve vivo na cultura e no imaginário social através da colonialidade. Quijano (2005) traz a ideia de colonialidade do poder, como uma construção de um poder mundial capitalista e eurocentrado, tendo início na criação e consolidação da ideia de raça, naturalizando os colonizados como inferiores. Esse poder instaurado sob o colonizador se manteve vigente mesmo após a descolonização, em um movimento de controle que mantinha a hegemonia europeia em diversas formas, na subjetividade, na cultura, no conhecimento e na produção de conhecimento. O conceito de colonialidade se torna ainda mais amplo, no momento que outras diversas formas de colonialidade são estudadas, ao se pensar a colonialidade como um padrão de relações estabelecidas no Sistema Mundo Moderno-Colonial.

Para Carlos Walter (2003), é preciso considerar os dois lados desse Sistema, indicando que a Modernidade europeia apenas se constituiu pelo papel colonial imposto à América, necessitando assim, romper com essa ideia:

Modernidade se constitui no mesmo movimento que constitui a colonialidade. Assim, é preciso romper com o evolucionismo eurocêntrico que vê cada lugar do mundo como se fôra um determinado estágio da evolução europeia, o que só é possível a partir de uma perspectiva teórica que toma o tempo como algo linear (o europeu) e ignora o espaço, enfim, uma perspectiva teórica que pensa a sucessão de eventos numa linha temporal unidirecional e ignora a simultaneidade constitutiva da história (espaço-tempo). [...] (PORTO-GONÇALVES, 2003, p.6).

“O mundo não é simplesmente um conjunto de regiões atrasadas (pelo relógio de quem?) à espera que chegue a modernização, como se o pólo moderno (Europa) fosse o lado ativo e o resto do mundo o lado passivo do devir histórico”, finaliza Walter (2003). O autor acredita que não se deve ignorar o espaço, e para romper esse pensamento de Modernidade, é preciso entender que existem múltiplas temporalidades vivendo simultaneamente.

Pensar com o espaço implica admitir múltiplas temporalidades convivendo simultaneamente. Sem considerar o espaço geográfico e a natureza, a clivagem constitutiva do 'sistema-mundo moderno-colonial' desaparece e o mundo europeu emerge como se fôra por auto-geração e fruto de uma presumida superioridade, cuja legitimação sempre corre o risco de cair no racismo. (PORTO-GONÇALVES, 2003, p.6)

4.2 Produção e consumo de carne na contemporaneidade

Trazendo novamente como a alimentação (e o consumo de carne) afetam na cultura, na sociedade e na produção do espaço geográfico, pode se citar a criação do Fordismo, método inventado por Henry Ford e que revolucionou o consumo e a produção no século XX. Inspirado pelas técnicas e logísticas dos matadouros de Chicago, Ford introduziu tais procedimentos às linhas de produção de sua empresa automobilística. A divisão de trabalho e o sistema de carretilhas aéreas dos matadouros no processo de abate de animais serviu de influência para o processo que revolucionou a produção em massa e o capitalismo (HIATH, 2006).

Portanto, esse modelo econômico e de produção, dependente de uma sociedade de consumo, que busca transformar o que puder em produto, em mercadoria, tem em suas bases o modelo de criação industrial de animais. A linha de montagem e a divisão de trabalho que serviram para aumentar consideravelmente o número de carros produzidos pela Ford, serviram também para aumentar o número de animais abatidos e criados para consumo.

A produção de carne mundial teve um considerável aumento nas últimas décadas, passando de 70 milhões de toneladas no início dos anos 1960 para mais de 330 milhões em 2017 - um aumento de quase cinco vezes. O crescimento populacional do mundo passou por uma crescente rápida também nas últimas décadas: se em 1960 éramos 3 bilhões de pessoas, hoje estamos quase na casa dos 8 bilhões. Esse crescimento da população mundial não explica unicamente o fato da produção de carne ter aumentado tanto em tão pouco tempo⁶. “Somos 7 bilhões de seres humanos, mas todos os anos criamos e abatemos mais de setenta bilhões de animais terrestres (...) para nosso consumo.” (SVB, 2018).

Outro fator atrelado ao aumento da produção de carne mundial está na economia. O crescimento econômico de diversos países, tais como China e Brasil, permite que a maior parte da população tenha acesso ao consumo de carnes. O país chinês, por exemplo,

⁶ [Carne na alimentação: quais países lideram o ranking? | Agronegócios | G1](#)

apresentou um aumento no consumo médio de sua população de 5 kg por ano nos anos 1960 para mais de 60 kg nas últimas décadas. No Brasil, o consumo quase dobrou desde 1990.

O crescimento do consumo durante a última década é consequência de vários fatores, mas, sem dúvida, o aumento do poder aquisitivo, consequência da maior distribuição de renda e da redução dos preços dos alimentos, é um dos mais importantes. O maior aumento do consumo de carnes coincide com as regiões que exibiram crescimento econômico satisfatório. (Admassu et al., 2019; FAO, 2019; Gonçalves & Costa, 2019). (VIEIRA, et al., p. 92).

Conforme aponta a Revista de Política Agrícola, em sua publicação “Geopolítica das Carnes: Mudanças na Produção e no Consumo”, de 2021, ao se falar em consumo global de carnes, o destaque é dado para Estados Unidos, União Europeia, China e Brasil, cujo consumo equivale a mais de 60% do total de 258 milhões de toneladas consumidas no mundo em 2019. Em relação à produção de carnes, a publicação aponta também Estados Unidos, União Europeia, China e Brasil como os maiores produtores mundiais, com China e União Europeia liderando a produção de carne suína, e Estados Unidos e Brasil liderando a produção de carnes bovina e de aves. É destacado também algumas mudanças na geografia da produção na última década, havendo uma descentralização dos países produtores nos últimos anos. Se em 2009, a concentração de produção nesses territórios era de 73%, em 2019 foi reduzida para 68%, havendo um aumento nas participações de países como Rússia, Índia e México. Como justificativa para essa diminuição na produção da China, pode se apontar problemas sanitários no país que atingiram a produção de suínos. Eventos climáticos extremos podem justificar a diminuição na produção de Estados Unidos, União Europeia e Austrália.

No Brasil, a produção de carne bovina é parte importante da economia do país, chegando ao mercado de mais de 150 países pelo mundo. Um exemplo do poder econômico dessa atividade no país é o grupo brasileiro JBS-Friboi, hoje tido como o maior produtor de carne no mundo, estando presente em 22 países, sendo um império com faturamento de 92,2 bilhões de reais⁷. Conforme dados da Embrapa⁸, no ano de 2015 o país se colocou como detentor do maior rebanho (209 milhões de cabeças), o segundo maior consumidor (38,6 kg/habitante/ano) e o segundo maior exportador (1,9 milhões de toneladas) de carne bovina no mundo, tendo abatido mais de 39 milhões de cabeças ao longo do ano.

⁷ Os reis da carne são brasileiros [Economia](#) [L PAÍS Brasil](#)

⁸ [Carne bovina - Portal Embrapa.](#)

4.3 Os impactos ambientais causados pela pecuária

O crescimento da produção e do consumo de carne a nível global, avançando a passos maiores até do que o crescimento populacional mundial, vem acarretando em problemas ambientais e impactos à sustentabilidade do planeta, trazendo questionamentos e reflexões sobre a relação de consumo que temos com a carne animal. Para realizar tal análise sobre os danos causados pela pecuária à natureza, colocando em risco o equilíbrio da Terra, relatórios da SVB de 2017 e 2018 foram utilizados como base para a pesquisa, assim como dados de institutos de pesquisa nacionais e internacionais. A atividade pecuária e sua alta demanda de produção para atender o consumo cada vez maior da humanidade, traz como consequências impactos ambientais que atingem o planeta de diversas maneiras, como no uso de terras, na escassez de água, na emissão de gases do efeito estufa, e até impactos sobre a saúde pública, como veremos a seguir:

- Impactos sobre o uso de terras: para a atividade pecuária sustentar sua produção, são necessárias grandes extensões de áreas, tanto para a criação dos animais, quanto para cultivar a ração e os alimentos ingeridos para manter esses animais. Dessa forma, aproximadamente 30% das áreas terrestres do planeta são destinadas a pastagens - uma área com o mesmo tamanho do continente africano. Além disso, a pecuária ocupa 75% das terras aráveis da Terra para pastagem e produção de ração⁹. Outro impacto causado pelo imenso uso de terras para a pecuária se reflete na degradação do solo, visto que o pisoteio dos rebanhos de gado causa sequelas no solo, facilitando a ação de processos erosivos.
- Desmatamento: Outro grave impacto causado pelo uso de terras destinado à atividade pecuária é o desmatamento. Conforme dados publicados pelo IPAM¹⁰ em 2021, 75% do desmatamento em terras públicas da Amazônia aconteceu para dar lugar a áreas de pasto. Ainda, segundo o estudo, entre 1997 e 2020, cerca de 21 milhões de hectares de florestas foram derrubados, uma área comparável ao tamanho do território do Estado do Paraná. Segundo monitoramento do INPE¹¹, o mês de junho de 2022 apresentou recorde de desmatamento na Amazônia desde o início do monitoramento pelo órgão

⁹ Foley JA, Ramankutty N, Brauman KA, Cassidy ES, Gerber JS, Johnston M, Mueller ND, O'Connell C, Ray DK, West PC, Balzer C, Bennett EM, Carpenter SR, Hill J, Monfreda C, Polasky S, Rockström J, Sheehan J, Siebert S, Tilman D, Zaks DP. 2011. Solutions for a cultivated planet. Nature 477: 537-42.

¹⁰ [Pecuária responde por 75% do desmatamento em terras públicas da Amazônia.](#)

¹¹ [Inpe: Amazônia tem recorde de desmatamento para junho - 08/07/2022 - Ambiente - Folha](#)

em 2016 (conforme gráfico mostrado a seguir). E, segundo o Relatório Anual de Desmatamento, lançado em 2022 pelo projeto MapBiomas¹², que busca mapear alterações no território brasileiro a partir de colaborações com universidades, Organizações Não Governamentais (ONGs) e empresas de tecnologia, a Amazônia perdeu 18 árvores por segundo em 2021, apresentando um valor 20% superior ao ano de 2020.

- **Emissão de gases do efeito estufa:** Como apontado em relatório publicado em 2019 pela Organização das Nações Unidas (ONU), o alto consumo de carne e de laticínios no Ocidente sustenta o aquecimento global.¹³ No Brasil, para produzir um quilo de carne bovina são emitidos gases do efeito estufa equivalentes a 80 quilos de CO², quantidade correspondente à emissão gerada por um carro que tenha percorrido aproximadamente 800 km.¹⁴ As emissões são provenientes, por exemplo, da liberação de CO² na atmosfera resultante das atividades de mudanças de uso de terra, como desmatamento e queimadas para criação de pastos. Até mesmo o arrotado das vacas vem trazendo preocupações, devido à produção de metano, um dos gases do efeito estufa mais potentes no planeta. Estima-se que aproximadamente 25% do metano produzido nos Estados Unidos seja oriundo das vacas.¹⁵
- **Impactos sobre o consumo de água:** Os recursos hídricos do planeta são uma questão de grande preocupação quando se pensa o futuro da humanidade. Conforme avança o crescimento da população global, a demanda por água cresce cada vez mais, tendo nos últimos 60 anos crescido 350% o consumo mundial de água.¹⁶ O setor agropecuário é tido como uma das atividades que mais faz uso de recursos hídricos para sua manutenção, sendo responsável por mais de 90% do consumo global de água, destinando boa parte ao crescimento de cultivos para produzir ração.¹⁷ O Brasil, país com maior potencial hídrico mundial (concentra cerca de 12% do estoque mundial de água em seus rios e reservatórios subterrâneos), e onde a atividade pecuária é de extrema importância para economia (como visto anteriormente), é tido como o quarto

¹² [Amazônia perdeu 18 árvores por segundo em 2021, e desmate subiu 20% no país](https://news.un.org/pt/story/2019/04/16/2151)

¹³ <https://news.un.org/pt/story/2019/04/16/2151>

¹⁴ Schmidinger K. Stehfest 2012. Including CO2 implications of land occupation in LCAs—method and example for livestock products. The International Journal of Life Cycle Assessment 17:662-672

¹⁵ [Vacas arrotam metano e contribuem para efeito estufa. Mas é possível evitar](https://www.nationalgeographic.com/science/2019/04/16/vacas-arrotam-metano-e-contribuem-para-efeito-estufa-mas-e-possivel-evitar/) National Geographic

¹⁶ Forket M, Reichert E, Bartund I, Esner S, Wimmer F, Alcamo J. 2013. Domestic and industrial water uses of the past 60 years as a mirror of socio-economic development: a global simulation study. Global Environmental Change 23:44-56.

¹⁷ Hoekstra AY, Mekonnen MM. 2012. The water footprint of humanity. Proceedings of the National Academy of Sciences (PNAS) USA 109:3232-3237.

país com maior consumo de água do planeta, perdendo apenas para China, Estados Unidos e Índia, países cujas populações são substancialmente maiores do que a brasileira¹⁸. Ser um grande exportador do setor pecuário, faz do Brasil um grande exportador de água virtual (conceito que indica o consumo de água de forma indireta, como no processo de produção de alimentos e mercadorias), ao analisarmos que exportar carne significa, também, exportar água. Cerca de 40% do território brasileiro se encontra com níveis moderados e elevados de ameaça aos seus corpos hídricos, chegando a 70% no território do Estado de São Paulo, devido ao uso intenso da terra pela agropecuária.¹⁹

- Impactos sobre a saúde pública: A criação de animais para consumo impacta também questões de saúde pública, através das zoonoses, doenças infecciosas de animais que podem ser transmitidas para humanos. Estima-se que essas doenças, geralmente originárias de porcos, galinhas e bois, são responsáveis por mais de 2 bilhões de casos de infecção humana por ano.²⁰ Boa parte desses problemas vem das condições de vida precárias às quais os animais criados para abate são colocados, os tornando mais suscetíveis a doenças e a propagá-las mais rapidamente.²¹

Esses são apenas alguns impactos que a atividade pecuária e o consumo de carne causam ao ambiente e ao planeta Terra. Pode-se citar alguns outros, como as consequências relacionadas à poluição dos oceanos, as consequências à extinção de espécies de animais, e o aprofundamento na questão ambiental de diversos biomas brasileiros, por exemplo. De forma resumida, foi possível elencar alguns desses impactos nocivos ao ambiente, permitindo a reflexão do quanto estamos pondo em risco para manter uma alimentação à base da criação de animais. Enquanto mais relatórios e pesquisas alertam para a possível insustentabilidade do planeta num futuro próximo, devemos questionar nossos hábitos de consumo alimentares, e ponderar sobre o que há por trás daquilo que comemos.

¹⁸ Mekonnen MM, Hoekstra AY 2011. National water footprint accounts: The green, blue and gray water footprint of production and consumption. Main report. UNESCO – Institute for Water Education. Disponível em: [National water footprint accounts: The green, blue and grey water footprint of production and consumption](#)

¹⁹ Terra. Aquecimento e Carne: novo relatório do IPCC. Outras Palavras

²⁰ Grace D, Mutua F, Ochiungo P, Kruska R, Jones K, Brierley L, Lapar L, Said M, Herrero M, Phuc PD, Thao NB, Akuku I, Ogutu F. 2012. Mapping of Poverty and Likely Zoonoses Hotspots. International Livestock

²¹ Eisler MC, Lee MR, Tarlton J, Martin GB, Beddington J, Dungait SA, Greathead H, Liu J, Mathew S, Miller H, Misselbrook T, Murray P, Vinod VK, Saun RV, Winter M. 2014. Agriculture: Steps to sustainable livestock. Nature 507:32–34.

4.4 Reflexões sobre uma possível colonialidade ambiental

É a América Latina, a região das veias abertas. Desde o descobrimento até nossos dias, tudo se transformou em capital europeu ou, mais tarde, norte-americano, e como tal tem-se acumulado e se acumula até hoje nos distantes centros de poder. Tudo: a terra, seus frutos e suas profundezas ricas em minerais, os homens e sua capacidade de trabalho e de consumo, os recursos naturais e os recursos humanos. O modo de produção e a estrutura de classes de cada lugar têm sido sucessivamente determinados, de fora, por sua incorporação à engrenagem universal do capitalismo. (GALEANO, 1992, p.7).

Logo no início de sua influente e renomada obra “As Veias Abertas da América Latina”, tendo sua primeira edição publicada em 1971, o escritor e jornalista uruguaio Eduardo Galeano já indicava o teor e a indignação do que seria visto durante os capítulos de seu livro. A acumulação de riquezas, inicialmente por europeus e depois por estadunidenses, transformou a América Latina em uma engrenagem de manutenção do poder que rege a produção econômica e social global desde então. A estrutura determinada por colonizadores europeus e estabelecida no período da expansão marítima, por parte principalmente de portugueses e espanhóis, comandou o mundo e determinou papéis aos atores desse planeta. Séculos depois, a obra de Galeano esmiuçava essa relação, nunca de igualdade, sempre violenta. Após realizarmos um retrato histórico de questões relacionadas à alimentação e ao consumo de carne ao longo da história, chegando à contemporaneidade e aos impactos trazidos pela criação de animais para consumo alimentar, algumas reflexões podem ser levantadas a respeito de colonialidade, meio ambiente e alimentação.

Conforme visto anteriormente, ao serem descritas algumas relações do consumo e produção de carne ao longo da história, a época das aventuras marítimas europeias, cujo destino se deu na América, estabeleceu aspectos culturais, econômicos, sociais, raciais e ambientais que influenciaram de maneira contundente a história da humanidade desde então. Ao se aventurarem em mar aberto rumo ao desconhecido, as navegações europeias trouxeram ganhos inesperados e surpreendentes: as especiarias e temperos para disfarçar o sabor das carnes raramente frescas da Idade Média, e espaços e campos para a expansão de seus rebanhos, visto que as terras na Europa já não estavam dando conta do crescimento bovino da região²². Encontraram na América essas riquezas, tornando a região e os povos que ali habitavam em vítimas de degradação ambiental, extermínio e racismo, relação imposta pela nova estrutura social que ali se instaurava: o colonialismo.

²² <https://super.abril.com.br/ciencia/deveriamos-parar-de-comer-carne/>

A face do colonialismo que imperava a partir da chegada dos europeus na América pode ser definida pelo acúmulo de riquezas das terras americanas, resultando em degradações ambientais sem precedentes, e pela imposição do caráter racial às relações hierárquicas entre dominador/dominado, colonizador/colonizado. Contudo, mesmo após a independência conquistada pelas colônias frente às suas metrópoles, o pensamento e imaginário colonial continuou imperando na sociedade, controlando o pensar e o andar do mundo, através da colonialidade.

Ao analisarmos a atividade pecuária e as relações existentes na produção de carne, notamos que a degradação ambiental em busca de acúmulo de riquezas, a invasão de terras indígenas e a subjugação de povos originários ainda se fazem presentes até chegar ao consumo por parte da população. Marcas de uma colonialidade ainda latente.

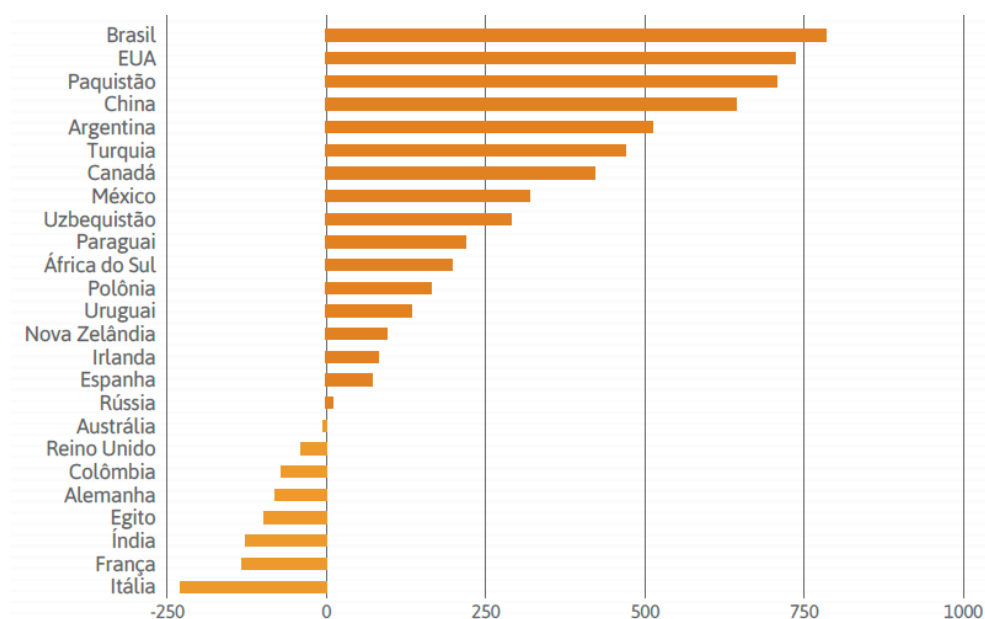
Primeiramente, ao apontarmos a pecuária como uma atividade causadora de extrema degradação ambiental, ressaltamos o crescimento que o setor vem obtendo no Brasil nos últimos anos. Conforme o relatório da ABIEC (Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne), de 2021, o Brasil apresentou o segundo maior rebanho bovino global, correspondendo a 13,66% da produção no mundo. Entre 2011 e 2021, foi o país que mais evoluiu sua produção de carne bovina. No quesito exportação, o Brasil foi o país que mais exportou carne bovina no mundo em 2021, sendo o país que mais evoluiu suas exportações entre os anos de 2011 e 2021.

Figura 1: Maiores rebanhos e maiores produtores de carne no mundo em 2021

País	Rebanho bovino, considerando rebanho bubalino nos países de maior expressão - em milhões de cabeças	% do rebanho mundial	Produção de Carne Bovina, considerando carne bubalina nos países de maior expressão (1000 TEC.)	% da produção mundial
EUA	91,99	5,49%	12.703,34	17,87%
Brasil	196,47	11,72%	9.714,25	13,66%
China	91,78	5,47%	6.748,08	9,49%
Argentina	54,66	3,26%	3.010,56	4,23%
Índia	305,40	18,22%	2.421,59	3,41%
Paquistão	92,14	5,50%	2.243,94	3,16%
México	36,41	2,17%	2.122,31	2,98%
Austrália	24,47	1,46%	2.120,49	2,98%
Rússia	17,97	1,07%	1.636,11	2,30%
França	17,96	1,07%	1.432,86	2,02%
Turquia	18,42	1,10%	1.115,19	1,57%
Uzbequistão	13,28	0,79%	960,61	1,35%
Colômbia	28,51	1,70%	751,77	1,06%
Paraguai	14,16	0,84%	566,71	0,80%
Outros	672,97	40,14%	71.100,35	33,13%
Total	1.676,59	100%	71.100,35	100%

Fonte: Athenagro, dados FAO, OECD, USDA (2021)

Figura 2: Evolução da produção de carne bovina entre 2011 e 2021, em mil TEC (Tonelada Equivalente Carça)



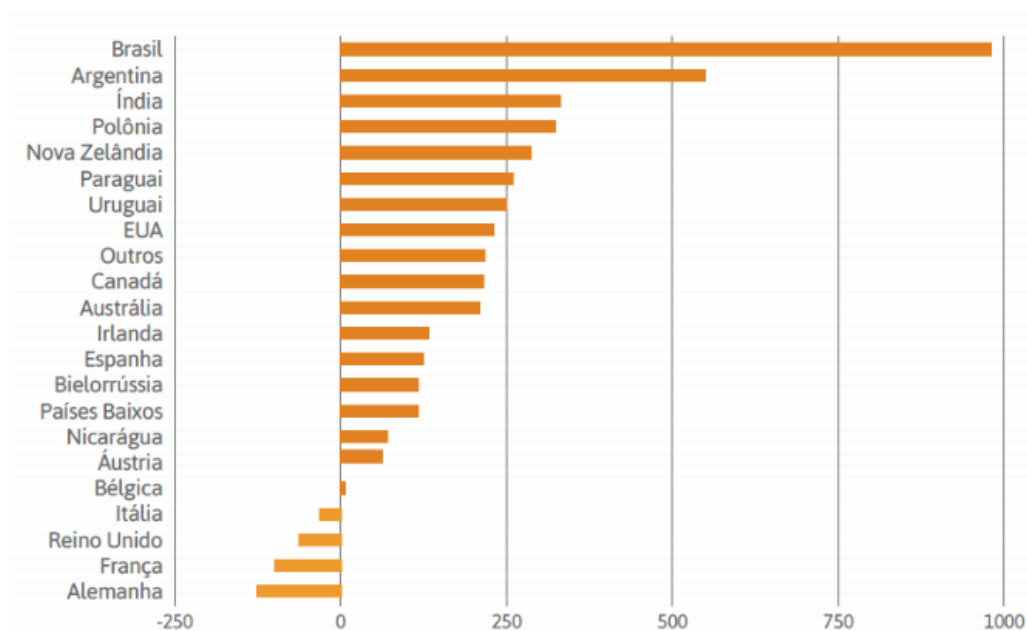
Fonte: Athenagro, dados FAO, OECD, Secret./Ministério da Economia

Figura 3: Maiores exportadores de carne bovina do mundo em 2021

País	Rebanho bovino, considerando rebanho bubalino nos países de maior expressão - em milhões de cabeças	% do rebanho mundial	Produção de Carne Bovina, considerando carne bubalina nos países de maior expressão (1000 TEC.)	% da produção mundial
EUA	91,99	5,49%	12.703,34	17,87%
Brasil	196,47	11,72%	9.714,25	13,66%
China	91,78	5,47%	6.748,08	9,49%
Argentina	54,66	3,26%	3.010,56	4,23%
Índia	305,40	18,22%	2.421,59	3,41%
Paquistão	92,14	5,50%	2.243,94	3,16%
México	36,41	2,17%	2.122,31	2,98%
Austrália	24,47	1,46%	2.120,49	2,98%
Rússia	17,97	1,07%	1.636,11	2,30%
França	17,96	1,07%	1.432,86	2,02%
Turquia	18,42	1,10%	1.115,19	1,57%
Uzbequistão	13,28	0,79%	960,61	1,35%
Colômbia	28,51	1,70%	751,77	1,06%
Paraguai	14,16	0,84%	566,71	0,80%
Outros	672,97	40,14%	71.100,35	33,13%
Total	1.676,59	100%	71.100,35	100%

Fonte: Athenagro, dados FAO, OECD, Secret./Ministério da Economia

Figura 4: Evolução das exportações de carne bovina entre 2011 e 2021, em mil TEC



Fonte: Athenagro, dados FAO, OECD, Secret./Ministério da Economia

Conforme aponta a publicação “Geopolítica das Carnes: Mudanças na Produção e no Consumo”, as restrições ambientais atreladas à produção de China e União Europeia, contribuirão para o crescimento e protagonismo de países americanos no setor, com destaque para Brasil, Argentina, Estados Unidos, México e Canadá. O Brasil apresentará o maior aumento na participação global, contrapondo-se à redução da União Europeia. Enquanto começa a haver uma preocupação com os danos ao meio ambiente causados pela pecuária, a produção de carne passa a ser atribuída principalmente às Américas, ao mesmo tempo que diminui em países da União Europeia. Portanto, o fato dos impactos ambientais ficarem todos no território produtor configura o que pode ser entendido como uma verdadeira colonialidade ambiental (HIATH, 2013).

Os avanços da pecuária e da degradação ambiental, principalmente na Amazônia, trazem à tona outro aspecto para se refletir referente a heranças coloniais que permanecem vivas até hoje: a invasão e destruição de terras indígenas. Se no período colonial, o extermínio e subjugação de povos originários e a imposição do elemento racial de forma hierárquica às relações entre os povos europeus e os povos colonizados foram marcas definidoras da época, e ajudaram a construir um ideal de poder da Europa perante o resto do mundo, é possível analisar e refletir o quanto essas marcas afetam a sociedade séculos depois do fim do período colonial.

Um exemplo dessa possível colonialidade, latente na questão ambiental e nas questões relacionadas aos povos originários, pode ser notada no Parque do Araguaia²³, no Tocantins, terra indígena que sofre com queimada, desmatamento, e com o avanço da pecuária na região, pondo em risco a vida e a cultura de 4 povos indígenas que contabilizam mais de 3500 habitantes no local. A área registrou 1358 focos de queimada em 2021, liderando o ranking do INPE, correspondendo a 18% dos focos de queimada registrados em terras indígenas nesse ano. Moradores apontam a pecuária como a principal causadora dos impactos na região, tendo relatos da presença da atividade desde os anos 1920, se intensificando a partir da segunda metade do século. Assim como o Parque do Araguaia, outras diversas terras indígenas sofrem com a invasão e o avanço de atividades legais ou ilegais, como pecuária, garimpo, madeireira e pesca.

Concluindo, podemos ver que duas características marcantes do período colonial, a degradação ambiental e a relação de poder e discriminação perante os povos originários, se

²³ [Terra indígena que mais queima em 2021 enfrenta avanço da pecuária, desmatamento e pesca ilegal](#)

mantém vivas ainda hoje, e são expostas através da atividade pecuária e suas implicações. Após identificar os impactos ambientais causados pela alta demanda de carne na sociedade, e os conflitos entre pecuaristas e povos indígenas, permite-se refletir a respeito de uma colonialidade ambiental, de um imaginário social construído séculos atrás que ainda permanece presente na humanidade e nas relações entre diferentes países, povos e culturas.

5 A CARNE NO RIO GRANDE DO SUL

O ato de comer, de se alimentar, vai muito além de uma simples ingestão de nutrientes para o corpo humano. Comer diz muito sobre uma sociedade, sua cultura, seus valores e sua história. Neste capítulo, busca-se identificar a relação do consumo e da produção de carne com o Estado do Rio Grande do Sul, e a simbologia que a carne tem para a cultura local.

Com esse objetivo, conceitos e literaturas relacionadas ao pensamento geográfico sobre identidade cultural, gêneros e modos de vida, e como a alimentação pode ser um símbolo identitário de um território, foram levantados e analisados para contribuir com a pesquisa.

Para compreender a história e a conexão da carne com o Rio Grande do Sul, a sua importância para a formação espacial da região, assim como sua relevância na construção do modo de vida do gaúcho, o trabalho “O GAÚCHO E SEU MODO DE VIDA: A formação espacial da Banda Oriental do Uruguai”, publicado em 2021 por Luiz Fernando Mazzini Fontoura, foi utilizado como referência, entre outras literaturas que abrangem o tema.

Por fim, pesquisas e dados relacionados à produção e ao consumo de carne no Rio Grande do Sul na contemporaneidade foram buscados para trazer um retrato atual da carne no estado.

5.1 Identidade, modo de vida e alimentação

A construção de uma identidade social e cultural de um povo é um tema abrangido não apenas pela ciência geográfica. Para compreender a formação de uma identidade é preciso analisar historicamente as relações da sociedade com o ambiente, e o contexto que cerca essas relações. Ao se discutir identidade ao longo das décadas, várias contribuições foram atreladas ao pensamento geográfico cultural sobre o tema, com novos aspectos sendo considerados quando se fala de cultura. Em “As Questões de Identidade em Geografia Cultural - Algumas Concepções Contemporâneas”, publicado originalmente em 1999, o autor Mathias Le Bossé traça alguns apontamentos e reflexões de pensadores que abordaram o tema e suas transformações ao longo do tempo, enquanto novos atores geográficos surgiam e continuam a surgir com o avanço da tecnologia e da sociedade.

Em um primeiro momento, o autor promove um debate entre pensamentos paradoxais acerca de identidades sociais: enquanto possuem um valor e poder sociocultural de resistência, quando se fala de direitos identitários de minorias, podem ser também vistas como um instrumento de manutenção de uma ordem social política de repressão e de totalitarismo. Ressalta o papel da identidade como forma de permanência e resistência à mudança, na medida que mantém construções sociais e culturais que já não condizem mais com os valores da época, sendo usada como arma para um discurso conservador e imutável.

Um dos grandes pensadores da Geografia Clássica, o francês Paul Vidal de La Blache, contribuiu com o pensamento geográfico a respeito de identidade ao analisar, na França, a identidade social e a “personalidade” do país, trabalhando a identidade do lugar em conjunto com a relação do homem com o ambiente, trazendo uma perspectiva naturalista à discussão. Com a expansão da geografia social a partir dos anos 1970, o “sentido de lugar” é empregado como um novo elemento geográfico para a concepção de identidade. O lugar é considerado como suporte essencial da identidade cultural, participando da vida individual e em grupo de seus habitantes, influenciando e construindo identidades culturais e sociais.

Ainda dentro da ideia de “sentido de lugar”, outros objetos geográficos são explorados, como paisagem e território. Todos esses fatores ajudam na construção de uma identidade, as paisagens reais e suas representações artísticas e literárias, e as territorialidades simbólicas, onde os grupos afirmam sua identidade cultural, política e social (Le Bossé, 1999). O autor traz a ideia de território identitário como um local de práticas de afirmação e vivência das identidades. Dessa maneira, ao se impregnar o território na questão identitária, se faz necessário contextualizar o lugar de forma mais ampla, com relações exteriores que o afetam. Ao se falar de uma identidade territorial construída, ela se torna assim, passível de variações, podendo ser contestada pelos atores geográficos que se tornam presentes e atuam no território de forma ativa.

Ao se falar em identidade, deve-se abranger também questões relacionadas a gêneros e modos de vida, que permitem a construção de uma identidade cultural através dos resultados das relações humanas com a paisagem e o meio em que se vive. As ações de um grupo, de uma sociedade, sobre a natureza e o ambiente, resultam em marcas na paisagem, de maneira a buscar melhores técnicas para a adaptação e sobrevivência do grupo, conforme aponta Fontoura: “Essas múltiplas possibilidades de intervenção e iniciativas promovem nos grupos uma variedade de formas para a organização de gêneros de vida.” (FONTOURA, 2021, p.

12). O autor aponta também o caráter essencial da adaptação do grupo ao meio, para o estabelecimento e desenvolvimento de suas técnicas. “Adaptações das atividades do indivíduo e do grupo, em outras palavras, técnicas. O gênero de vida é um conjunto de técnicas.” (SORRE, 1984, p. 91 apud FONTOURA, 2021, p.13).

Parte da construção da identidade de um povo, de um território, passa pela alimentação. Os meios de se alimentar, de produzir alimento, estão ligados diretamente com as condições climáticas e fisiológicas locais, com as relações do homem com o ambiente, e se refletem na produção do espaço geográfico em que se vive. As técnicas utilizadas para o cultivo de alimentos, as características físicas do ambiente, os valores simbólicos dados pelos grupos sociais a determinados alimentos, tudo isso constrói a identidade sociocultural de um povo. A alimentação é parte relevante quando se fala da cultura de determinada sociedade, e se tornou objeto de estudo da Geografia Cultural, atuando como um vetor do estudo de questões identitárias também.

5.2 A carne na história do RS e na formação do gaúcho

Já apontamos anteriormente a conexão entre o consumo de carne no Brasil e a colonização europeia. Antes da chegada dos europeus, os indígenas que viviam na América consumiam carne através da caça, sendo uma das principais atividades alimentícias desses povos. A partir da chegada de portugueses, a criação de animais, com destaque para o gado bovino, foi introduzida nas terras americanas, alterando a forma de relações com os animais e seus fins alimentícios. A novidade trazida pelos colonizadores europeus aos povos indígenas, através da prática da criação de gado, foi a carne seca, que se tornou a principal forma de consumo de carne bovina no Brasil colonial. Na Região Sul, era chamada de charque, sendo de onde advinha a maior parte do consumo e da exportação da carne bovina para outras regiões do país.

Como apontado em “O consumo de carne no Brasil: entre valores socioculturais e nutricionais” (RIBEIRO et al., 2013), a introdução da criação de gado no Brasil se iniciou pelo sertão nordestino, tendo chegado ao sul do país através da chegada dos jesuítas à região.

local, sendo apenas o couro comercializado. Esse era o principal produto alimentar da região, consumido à maneira indígena: a carne era assada em grandes postas distantes do fogo, tendo como tempero sua própria gordura. Ao se referir a essa técnica, Cascudo²⁴ a identifica como a raiz do churrasco gaúcho, atualmente uma das marcas da gastronomia brasileira. (RIBEIRO et al., 2013, p. 429)

Desse modo, a criação de gado inserida e propagada na Região Sul do Brasil, junto à forma indígena de assar a carne, vieram a tornar o churrasco uma característica marcante da cultura do Rio Grande do Sul. A prática do “churrasco gaúcho” se expandiu pelo Brasil, se tornando uma questão identitária do povo da região, um símbolo cultural do Estado mais ao sul do país.

A partir da década de 1960, a oferta de churrasco gaúcho, assado em espetos de ferro, começou a ser difundida no Brasil. (...) O sucesso do negócio motivou uma série de outros jovens da região a migrarem para outras partes do país para assar e alimentar muitas pessoas com o que melhor sabiam fazer, o churrasco, um hábito da colônia aos domingos. (RIBEIRO et al., 2013, p. 431)

Em “O GAÚCHO E SEU MODO DE VIDA: A formação espacial da Banda Oriental do Uruguai”, de 2021, Luiz Fernando Mazzini Fontoura traça a construção do modo de vida do gaúcho da Banda Oriental do Uruguai, região onde hoje se localiza o Rio Grande do Sul, desde seu surgimento até a construção de sua identidade. O autor destaca a introdução e o desenvolvimento da pecuária bovina como atividade que possibilitou o modo de vida do gaúcho, constituindo um lugar, a Banda Oriental do Uruguai (FONTOURA, 2021).

O pampa, paisagem característica do sul do Estado do Rio Grande do Sul, abrangendo também Argentina e Uruguai, é resultado do pastoreio da atividade pecuária bovina, introduzida pelos jesuítas séculos atrás. O autor traz esse fator como definitivo para a configuração paisagística da região, a partir do momento em que animais e campos se fundem em uma só paisagem (FONTOURA, 2010). A pecuária, como atividade de intervenção humana na natureza, altera e transforma a paisagem, produzindo um modo de vida na região, que viria a ser uma característica identitária marcante do gaúcho.

O modo de vida do gaúcho nasce da relação com o pastoreio. A organização social, espacial e econômica se desenvolve e se adapta em conformidade à atividade pecuária bovina, num contexto onde a existência do gaúcho está estritamente ligada à essa atividade. O autor

²⁴ Cascudo LC. História da Alimentação no Brasil. 3. ed. São Paulo: Global, 2004.

destaca Reverbel (1986, p. 15), ao apontar que, do ponto de vista sociológico, o boi é o pai do gaúcho, e cita Nichols (1953, p. 47): “Sin un caballo para montar y una vaca que cazar no hubiera existido el gaucho”, de forma a resumir a importância da atividade pastoril para a formação do modo de vida do gaúcho da Banda Oriental do Uruguai e para a construção da identidade cultural do povo rio-grandense.

5.3 A produção e o consumo de carne no Rio Grande do Sul

Visto a ligação histórica e cultural do Estado do Rio Grande do Sul com a criação de gado e com o consumo de carne, é importante analisar como esses aspectos ainda refletem na sociedade gaúcha. A forma de criar rebanhos bovinos, trazida pelos colonizadores, e a maneira de assar a carne, advinda da cultura indígena, influenciaram e construíram parte da identidade gaúcha, de tal forma que o churrasco se tornou um dos principais símbolos do gaúcho mundo afora. Os impactos dessa cultura construída séculos atrás perduram até hoje, sendo parte importante também da economia do Estado.

Conforme dados divulgados pelo IBGE em 2010²⁵, o consumo de carne na Região Sul supera em 10 quilos a média nacional por ano. A média per capita de consumo na Região Sul foi apontada como de 35,7 kg ao ano, superando a média do país de 25,4 kg ao ano. Já no Rio Grande do Sul, especificamente, o consumo chega a 50 quilos per capita por ano, como indicado pelo Sindicato da Indústria de Carnes e Derivados do Estado do Rio Grande do Sul (SICADERGS). É apontado como grande diferencial na alta média gaúcha em relação à média nacional, não o consumo diário de carne, mas a cultura do povo de se reunir semanalmente para comer churrasco, geralmente aos domingos. Assim, a média é fortemente elevada pelo alto consumo de carne nos churrascos semanais, um hábito cultural forte na região que não é adotado em outras partes do país da mesma forma. A própria SICADERGS, tida como uma entidade representativa da indústria de carnes e derivados, destaca a ligação dos gaúchos com a criação de gado, destacando que a “história do RS passa pelos abatedouros”²⁶, indicando a conexão entre o alto consumo de carne no Estado e a história e a cultura do povo gaúcho.

²⁵ [RS consome 10 kg a mais de carne que a média nacional](#)

²⁶ <https://sicadergs.com.br/sicadergs>

Em relação à produção de carne, o Rio Grande do Sul ocupa apenas a sétima colocação entre os maiores Estados produtores de rebanhos bovinos do Brasil, de acordo com a Pesquisa Agrícola Municipal do IBGE, referente ao triênio 2018-2020²⁷. Conforme dados da Pesquisa da Pecuária Municipal, realizada também pelo IBGE, no ano de 2020²⁸, os 5 principais Estados brasileiros produtores de rebanhos de bovinos foram Mato Grosso, Goiás, Pará, Minas Gerais e Mato Grosso do Sul, centralizando os maiores efetivos de bovinos na Região Centro-Oeste do país, seguida da Região Norte. Já na Região Sul, houve um decréscimo no efetivo bovino, com queda de 4,3% em relação ao ano anterior, demonstrando uma diminuição na participação nacional do Estado. A produção de rebanhos no RS acontece principalmente nas regiões oeste e sul do Estado, nas terras do Pampa gaúcho.

Ao conhecer a história e a construção do estado é possível identificar o significado cultural que o churrasco possui na formação da identidade do gaúcho. Para abordar e refletir sobre as implicações ambientais resultantes do alto consumo e produção de carne, é preciso compreender fatores que compõem o espaço geográfico de um território, entre eles as identidades culturais de um povo. Dessa forma, para considerar a inserção e expansão do vegetarianismo dentre uma população, seja para fins ambientais ou outros fins, se faz necessário colocar na equação essas questões simbólicas que a alimentação possui dentro da formação de uma cultura e de uma sociedade. Assim, como tornar o vegetarianismo uma ideia a ser levada em consideração por um povo tão identificado com a carne, como é o povo gaúcho, requer ponderações que talvez não sejam tão necessárias em outros territórios.

²⁷ [Bovinos Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul](#)

²⁸ [Produção da Pecuária Municipal 2020](#)

6 O VEGETARIANISMO EM PORTO ALEGRE: OS DESAFIOS DO CONSUMO ENQUANTO ATO POLÍTICO

Apontados os problemas e impactos ambientais atrelados à produção pecuária, que se expandiram nas últimas décadas devido a diversos fatores, como o alto crescimento populacional global, como foi visto anteriormente, destaca-se a prática do vegetarianismo como uma alternativa de boicote a essa atividade, freando assim o exacerbado consumo de carne no planeta.

Neste capítulo, busca-se apresentar a insustentabilidade do ritmo atual de consumo de carne para o planeta, sendo sugerida a diminuição da produção de carne, para fins ambientais e sustentáveis. Para isso, foram buscados dados de pesquisas de órgãos mundiais que indicam os contratempos causados pela dieta carnívora em termos da diminuição dos impactos causados ao ambiente pela humanidade.

Em seguida, destaca-se a expansão do vegetarianismo como uma forma de combater a cultura de criar animais para fins alimentícios, e seu auxílio para a causa ambiental. Trazendo essa perspectiva de mudar uma cultura já estabelecida, procura-se analisar o vegetarianismo como um movimento social, agindo além de uma simples dieta. Com essa finalidade, a cidade de Porto Alegre foi utilizada como área de estudo, com o intuito de identificar a existência - ou não - de um possível ativismo político vegetariano na cidade. Para agregar à pesquisa, foi realizada uma entrevista qualitativa com Arthur Barcellos Bernd, voluntário, filiado, conselheiro e coordenador do núcleo de Porto Alegre da Sociedade Brasileira Vegetariana, a fim de colaborar com a análise de como se estabelece o vegetarianismo na capital do Estado do Rio Grande do Sul.

6.1 A insustentabilidade do consumo de carne

No capítulo 3 “A Geografia da Carne” trouxemos alguns impactos ambientais causados pela atividade pecuária, que se intensificam conforme aumenta a população global e o consumo de carne no planeta. Esses problemas ao ambiente incitam reflexões e pesquisas sobre o hábito de criar animais para a alimentação da humanidade. Os danos da alimentação carnívora passam a colocar a sustentabilidade do planeta em risco, levantando o debate a

respeito da capacidade da Terra de prover recursos naturais para manter essa dieta para a população humana, que passa a crescer cada vez mais e a requisitar mais recursos para a produção de alimentos.

Dois fatores debatidos por cientistas preocupados com o futuro da humanidade, têm a produção de carne e o consumo pela população como um denominador comum. São eles as mudanças climáticas sofridas pelo planeta e a capacidade natural da Terra de alimentar toda a população humana nas próximas décadas.

A ONU, ao escutar 830 cientistas, alerta para a necessidade urgente de reduzir as emissões de gases do efeito estufa (GEE), para evitar graves efeitos ambientais no planeta.²⁹ Os efeitos já estão sendo sentidos pelo meio ambiente, com o aumento da temperatura atmosférica e dos oceanos, a elevação do nível dos mares, o derretimento das calotas polares, e as mudanças climáticas, que alteram estações, ciclos naturais e permitem a maior incidência de fenômenos meteorológicos extremos. A ONU aponta a necessidade de reduzir as emissões de GEE a zero até 2100, e de reduzir 40% a 70% até 2050. Caso não aconteçam mudanças relevantes em relação às emissões desses gases o relatório científico do IPCC (Intergovernmental Panel on Climate Changes) indica possíveis cenários mundiais, com o aumento da temperatura em até 4,8 graus, redução das geleiras em 85% e aumento do nível do mar em 0,82 metros ao final do século, afetando gravemente o equilíbrio de ecossistemas.

A produção de carne possui sua participação na emissão de gases, sendo uma das atividades que entram para o rol de preocupações ao lidar com as mudanças climáticas. Um estudo de 2013 realizado pela FAO (Food and Agriculture Organization of the United Nations)³⁰, vincula 14,5% das emissões de carbono à produção de carne, indicando um aumento no consumo de carne de 5% a 6% ao ano nos países em ascensão econômica. Segundo o estudo, o gado exerce um papel muito importante nas mudanças climáticas. Dessa maneira, a chamada “pegada de carbono” do ritmo atual da produção de carne se torna uma grande ameaça à sustentabilidade quando se discute as mudanças climáticas no planeta. Ainda conforme dados da FAO, a preocupação acerca do consumo de carne se torna mais alarmante ao se identificar o aumento em 16,5% no número de cabeças de gado bovino no mundo entre 1990 e 2012, e o aumento no consumo médio per capita nos países em ascensão econômica. Em 1964, a FAO aponta que nesses países eram consumidos em média 60 quilos de carne per

²⁹ [Mudança climática: O tempo está se esgotando](#) | Ciência | EL PAÍS Brasil

³⁰ [A carne do futuro será a do passado](#) | Economia | EL PAÍS Brasil

capita por ano, tendo subido para 95,7 quilos em 2015, e com previsão de 100,1 quilos para 2030.

Se as mudanças climáticas já estão ocorrendo e recebem um alerta em tom de alta urgência por parte de cientistas e líderes mundiais, outro tema também traz inquietude quando se fala do futuro da humanidade: se for mantido o ritmo atual de consumo por parte da sociedade, o planeta Terra possui recursos naturais suficientes para alimentar toda população humana pelas próximas décadas?

O crescimento da população global aliado ao aumento de consumo de carne em países que vem apresentando avanços econômicos (principalmente China), tornam necessária a discussão a respeito da alimentação mundial. Segundo a FAO³¹, será preciso que a terra cultivável no planeta cresça 70% até 2050, a fim de abastecer a demanda de todo o mundo. A organização aponta que em 1960 havia 2,5 hectares de terra cultivável por habitante e em 2050 haverá menos de 0,8. Para lidar com o crescimento populacional global e a maior demanda por alimentos, é necessário otimizar a produção. Até 2025, cerca de 60% da produção de alimentos será em forma de ração animal, tendo em vista que essa produção se dá para alimentar animais criados para abate.

Estima-se que a população mundial deverá chegar a 9,7 bilhões de pessoas em 2050, conforme o relatório “World Population Prospects 2022”, da ONU. Torna-se insustentável alimentar toda população mundial no mesmo ritmo de consumo atual, sendo necessário levantar questões a respeito da produção de alimentos e da sustentabilidade do planeta. Um dos principais fatores a ser debatido é a produção de carne e o consumo por parte dos países “desenvolvidos” e dos países em ascensão, como a China. O crescimento econômico vivido pelo país chinês, trouxe maior poder aquisitivo à classe média chinesa, aumentando a demanda por carne pela população de mais de 1,4 bilhão de pessoas do país.

Porém, a eficiência energética da carne junto a esse crescimento populacional, colocam em risco a sustentabilidade do planeta, se fazendo necessária a mudança de hábitos alimentares para ser capaz de alimentar toda uma população global. Mesmo variando conforme os diferentes tipos de sistemas de produção e regiões geográficas, é notável o alto desperdício de calorias e nutrientes na criação de animais para fins alimentícios. Em média, para alimentar os animais criados para consumo são gastas aproximadamente dez vezes mais

³¹ [O negócio de alimentar a humanidade](#) | [Economia](#) | [O PAÍS Brasil](#)

calorias do que as contidas na sua carne, havendo um desperdício de cerca de 90% das calorias presentes nos cultivos vegetais utilizados para alimentação desses animais.³² Mesmo em sistemas de produção de alta produtividade, como visto nos Estados Unidos, cada caloria de carne produzida exige o uso de áreas de cultivo pelo menos seis vezes maiores do que o necessário para produzir cada caloria de cultivos vegetais, como batata, milho e arroz. No caso da carne bovina, a área de cultivo necessária pode ser dezenas de vezes maior do que a necessária para cultivos vegetais. Do ponto de vista energético, a produção de 1000 quilocalorias (Kcal) de carne bovina pode demandar um aporte calórico 30 vezes maior (30000 Kcal) sob forma de ração para o gado.³³ Em sistemas de produção menos eficientes em relação ao estadunidense, como o brasileiro, esses números podem ser ainda maiores.

Quando se pensa em questões sustentáveis para o futuro da humanidade, as mudanças climáticas e as maneiras de alimentar toda população global estão entre os principais problemas a serem solucionados urgentemente no mundo. Repensar o consumo, os hábitos alimentares, refletir sobre os custos - sejam eles ambientais, culturais, sociais, econômicos, etc. - daquilo que comemos, passa a ter um grau de urgência cada vez maior, conforme a humanidade avança. Dentre esses consumos, principalmente o consumo alimentar, o ato de comer carne é apontado como um dos principais fatores a serem discutidos para a construção de um mundo mais sustentável e harmônico ambientalmente. Se tornando cada vez mais insustentável a criação de animais para abate e o consumo de carne pela população global, o vegetarianismo desponta como uma alternativa, uma solução possível, para uma sociedade mais sustentável e equilibrada com os recursos naturais da Terra.

6.2 O vegetarianismo além da dieta

Buscando analisar o vegetarianismo além de uma simples dieta, mas como um estilo de vida, um movimento que busca transformar o espaço geográfico, propondo novas relações, principalmente de consumo, procuramos analisar a possibilidade de o vegetarianismo ser considerado um movimento social, pensando, junto com Porto-Gonçalves, que “[...] todo movimento social é portador, em algum grau, de uma nova ordem que, como tal, pressupõe

³² Cassidy ES, West PC, Cerber JS, Foley JA 2013 Redefining agricultural yields from tonnes to people nourished per hectare.

³³ Eshel G, Shepon A, Makov T, Milo R 2014. Land, irrigation water, greenhouse gas, and reactive nitrogen burdens of meat, eggs, and dairy production in the United States.

novas posições, novas relações, sempre socialmente instituídas, entre lugares” (PORTO-GONÇALVES, 2003, p. 8). Examinando o vegetarianismo como um todo, reflete-se sobre sua participação em lutas como o movimento ambientalista, principalmente após destacarmos os malefícios do consumo de carne para a sustentabilidade do planeta. Considerar a importância do papel do vegetarianismo e de seu ativismo para a causa ambiental, torna-o uma das faces mais relevantes do movimento ambientalista, ressignificando espaços e lutando por uma nova configuração social, pois “[...] os diferentes movimentos sociais re-significam o espaço e, assim, com novos signos grafam a terra, geografam, reinventando a sociedade.” (PORTO-GONÇALVES, 2003, p. 8).

Se por um lado, questionar o consumo de carne em uma sociedade que tem esse costume há séculos, tendo diversos significados sociais e culturais para diversos povos ao longo da construção social do mundo em que vivemos, possa parecer algo inimaginável, Carlos Walter aponta o papel do movimento social em idealizar e propor uma realidade diferente da que vigora:

Os movimentos sociais adquirem, no contexto teórico que abraçamos, um lugar de altíssima relevância por trazerem à luz, com sua própria existência, não só as contradições inscritas no espaço-tempo como, também, os possíveis inscritos nessa própria realidade (Santos, 1996). Afinal, a realidade é constituída não só pelo que é, mas também, pelo que pode ser e, por alguma razão, está impedido de ser. (PORTO-GONÇALVES, 2003, p. 8)

Em “O Poder da Identidade - Volume II”, de 1999, o sociólogo espanhol Manuel Castells discorre sobre movimentos sociais a fim de compreender as diversas manifestações, mudanças sociais e mudanças tecnológicas na cultura e na sociedade. Em sua obra, o autor vem a destacar o movimento ambientalista, analisando suas faces, sua organização, sua identidade e seus objetivos. Primeiramente, ressalta a influência que o movimento vem conquistando, atingindo instituições, governos e grandes empresas, levando a causa ambiental ao debate público.

Se nos propuséssemos a avaliar os movimentos sociais por sua produtividade histórica, a saber, por seu impacto em valores culturais e instituições da sociedade, poderíamos afirmar que o movimento ambientalista do último quarto deste século conquistou posição de destaque no cenário da aventura humana. (CASTELLS, 1999, p. 141).

O fato de questões ambientais estarem sendo discutidas e abordadas em grandes esferas globais, adentrando também no imaginário social e levando a discussão à população, mostra a força que o movimento ambientalista demonstra nos últimos anos, orientando políticas em vista de um sistema socioeconômico mais responsável do ponto de vista da sustentabilidade do planeta.

O autor aponta o movimento ambientalista como um movimento multifacetado, tendo surgido a partir do final dos anos 1960 na maior parte do mundo, com destaque para os Estados Unidos e o norte da Europa, e que “[...] encontra-se, em grande medida, no cerne de uma reversão drástica das formas pelas quais pensamos na relação entre economia, sociedade e natureza, propiciando assim o desenvolvimento de uma nova cultura.” (CASTELLS, 1999, p. 142). Ao falar de um movimento multifacetado, pode-se entendê-lo como um movimento que abrange diferentes objetivos de luta e de manifestações, atacando em várias frentes. O autor destaca o ambientalismo como fonte de inspiração para algumas contraculturas originadas nos anos 1960 e 1970, conectando o movimento a expressões mais radicais, como o movimento da libertação dos animais e o ecofeminismo (CASTELLS, 1999). Sobre o movimento de libertação animal, o autor destaca a militância do mesmo:

Nos anos 90, o movimento de libertação dos animais, cuja principal causa é a oposição incondicional a experiências que utilizem animais como cobaias, parece ser a ala mais militante do fundamentalismo ecológico (CASTELLS, 1999, p. 149).

Quando se fala no movimento de libertação animal, dentro dele está inserido o vegetarianismo. Peter Singer, filósofo australiano, na sua obra “Libertação Animal”, originalmente lançada em 1975, já conectava a prática do vegetarianismo à causa animal, destacando sua inserção, assim, no movimento de libertação dos animais. Porém, o objetivo aqui é propor o vegetarianismo como uma das faces do movimento ambientalista não apenas em relação à libertação animal, mas também na esfera ecológica, podendo se relacionar com a ideia de Ecologia Política, campo científico definido por Enrique Leff, sociólogo mexicano, como:

[...] campo no qual se expressam as relações de poder para desconstruir a racionalidade insustentável da modernidade e para mobilizar as ações sociais no mundo globalizado para a construção de um futuro sustentável fundado nos potenciais da natureza e da criatividade cultural, num pensamento emancipatório e em uma ética política para renovar o sentido e a sustentabilidade da vida. A ecologia política enraíza a desconstrução teórica na arena política: além de reconhecer a diversidade cultural, os saberes tradicionais e os direitos dos povos indígenas, o

ambientalismo radical confronta o poder hegemônico unificador do mercado como destino inelutável da humanidade. (LEFF, 2015, p. 30).

Após descrevermos grande parte dos impactos negativos ao ambiente causados pela criação de animais para fins alimentícios, se torna imprescindível no ambientalismo defender uma alimentação mais sustentável, através da oposição ao consumo de carnes no ritmo atual, tornando a expansão do vegetarianismo uma alternativa viável para se lidar com essa problemática. Dessa maneira, ao abranger o movimento ambientalista, se propõe a face do movimento vegetariano, para além do seu papel para a libertação animal, como forma de defesa contra os danos ambientais causados pela criação de animais. Indica-se também a colaboração com o campo da Ecologia Política, difundido por autores como o já citado, Enrique Leff, e Hector Alimonda, que buscam analisar esse espectro a partir do contexto latinoamericano e suas geograficidades.

6.3 Movimento Vegetariano em Porto Alegre: ativismo na capital do churrasco

Após destacarmos um pouco da história, das motivações e do ativismo do vegetarianismo, colaborando tanto para o movimento de libertação dos animais quanto para a causa ambiental, a pesquisa tem como objetivo analisar e identificar o ativismo vegetariano na cidade de Porto Alegre. Anteriormente, apresentamos a relação que o Estado do Rio Grande Sul possui com a carne, sua identificação histórico-cultural com a pecuária e o churrasco, sendo parte relevante da criação do modo de vida do gaúcho. Essa identidade formada pelo povo do Rio Grande do Sul está conectada diretamente com o consumo e a produção de carne, tornando a análise do vegetarianismo em sua capital e principal cidade, Porto Alegre, uma pesquisa significativa.

Para compreender como se estabelece e se insere o vegetarianismo na cidade, e para identificar ações e organizações que possam ser caracterizadas como um ativismo, foi realizada entrevista com Arthur Barcellos Bernd, porto alegreense e morador da cidade, que exerce a função de coordenador do núcleo local da SVB Porto Alegre, além de ser voluntário, filiado e conselheiro da organização. Arthur segue o veganismo, tendo iniciado no vegetarianismo em 2015/2016, através da prática do ovolactovegetarianismo. Tendo perpassado pela prática de apenas não comer carne animal, até a exclusão de qualquer alimento, vestimenta, produto, etc. de origem animal, a visão do entrevistado parte tanto do

ponto de vista de consumidor e adepto, quanto do ponto de vista de atuação no ativismo da cidade, através da SVB.

Apresentando o entrevistado, Arthur possui 33 anos, é professor de matemática, licenciado e com mestrado no campo. Nasceu em Porto Alegre, onde mora até a presente data. Antes tido como o “churrasqueiro” do grupo de amigos, se identificou com o vegetarianismo após assistir ao documentário “Terráqueos”, de 2005, obra que aponta a dependência que os humanos possuem em relação a outras espécies e a crueldade presente nessa relação.³⁴ Arthur declara que no dia seguinte já aderiu ao vegetarianismo, entre o fim de 2015 e início de 2016. Cerca de 1 ano e 4 meses depois, adotou o veganismo, abrangendo a exclusão de produtos de origem animal para além da dieta alimentar. Entre os principais obstáculos que Arthur encontrou para exercer seu novo estilo de vida, o mesmo destaca as dificuldades de se comer fora de casa, fazendo com que tivesse que descobrir novos espaços e locais que pudesse frequentar sem deixar de praticar seu vegetarianismo. Esses novos espaços foram encontrados em bairros e lugares mais elitistas e centralizados da cidade. Com a prática e a afinidade com o vegetarianismo, se aproximou da SVB, onde atua como voluntário, filiado - através do pagamento de um valor anual em troca de benefícios, como descontos em restaurantes vegetarianos, etc. - e conselheiro, participando das eleições aos cargos na organização, que acontecem a cada 4 anos. Atualmente é o coordenador local, através de um mandato coletivo, atuando no núcleo local de Porto Alegre da SVB.

Sua proximidade com a Sociedade Vegetariana Brasileira, permitiu a abordagem e a possibilidade de análise da atuação dessa Organização não governamental junto ao movimento vegetariano, e a forma de ativismo em prol da causa na cidade. A ONG atua em nível nacional, estruturada em núcleos locais, como o de Porto Alegre. Dentro da organização são realizadas eleições para a ocupação dos cargos, através de votações entre os conselheiros. Sua maior participação se dá através de voluntários, e alguns contratados, seja na questão jurídica, médica, de suporte ou no setor culinário da ONG.

A conexão entre os núcleos locais e o núcleo nacional da organização acontece através da entrega de relatórios e troca de informações sobre as ações a serem tomadas para divulgação e propagação da causa vegetariana. As ações são divulgadas através das redes sociais da SVB, em especial o Instagram. Algumas das ações promovidas pela ONG são: o Dia do Vegetarianismo, onde no dia 1º de outubro a SVB realiza parcerias com restaurantes e

³⁴ [Terráqueos](#) Conheça o documentário que levou milhares ao veganismo

mercados vegetarianos a fim de promover descontos e promoções especiais em celebração do dia; a “Amostra Animal”, evento organizado pela ONG com a exibição de diversos filmes e documentários ligados à causa animal e ambiental, em algum cinema da cidade; o “Veganic”³⁵, evento realizado em algum espaço aberto da cidade para reunir adeptos da causa com a realização de um piquenique vegetariano, a fim de ocupar um espaço e atrair mais pessoas ao movimento; ações de panfletagem, principalmente em feiras orgânicas; entre outras ações, como a Segunda Sem Carne e propagandas em outdoors, ônibus, etc. bancadas pelo “VegFund”, um fundo de doações para possibilitar essas ações.

Arthur descreve a SVB como uma organização disposta a dialogar com instituições e empresas, atuando para transformar o sistema de consumo de forma mais prática. Em parceria com a prefeitura de São Paulo, por exemplo, a SVB desenvolveu o Cardápio Escolar Sustentável, com receitas veganas a serem incluídas na merenda de diversas escolas da cidade.³⁶ Em parceria com a cadeia de restaurantes Subway, a SVB desenvolveu recentemente mais uma opção vegana para os sanduíches vendidos pela empresa, sendo a segunda opção para não carnívoros no cardápio da rede, desenvolvida com a parceria da ONG.³⁷ Entre outras ações de destaque realizadas pela SVB, pode-se citar a criação do Selo Vegano³⁸, certificação criada em 2013 para que o consumidor tenha maior facilidade em reconhecer se um produto é vegano, e o programa Opção Vegana³⁹, com o intuito de colaborar e orientar restaurantes que queiram disponibilizar opções veganas em seu cardápio, assim como divulgar os restaurantes que oferecem essa opção para seus clientes. Ações como essa tornam mais acessível se tornar vegetariano, expandindo a causa e levando sustentabilidade a diversos setores da sociedade.

Após a análise da Sociedade Vegetariana Brasileira, e sua atuação tanto em nível nacional quanto local, a conversa com o entrevistado abrangeu outros coletivos e atuações no ativismo do movimento na cidade. Entre os exemplos citados pelo entrevistado, se destaca os diversos santuários que há na cidade, trabalhando junto a causa animal, assim como a ONG Princípio Animal, que promove a abordagem através da questão ética perante os animais, tendo atuado inclusive em parceria com a SVB, tendo portas de entradas diferentes devido às diferentes abordagens.

³⁵ [Sociedade Vegetariana comemora o Dia do Voluntário com Veganic em diversas cidades brasileiras](#)

³⁶ [SVB e Bela Gil e Prefeitura de São Paulo colocam mais seis receitas veganas na merenda escolar](#)

³⁷ [Subway lança opção vegana do sanduíche Teriyaki](#)

³⁸ [Selo Vegano – Certificado Produto Vegano](#)

³⁹ [Opção Vegana](#)

O ativismo político do vegetarianismo em Porto Alegre atua também através da Feira Vegana, levando o veganismo a diversos pontos da cidade através de feiras abertas ao público, e realizando eventos de resistência, como o Acampamento Vegano⁴⁰. O evento se coloca em contrapartida à Semana Farroupilha, evento histórico-cultural do gaúcho em homenagem à Revolução Farroupilha, que promove o Acampamento Farroupilha, onde entre as atrações culturais está o churrasco e o exacerbado consumo de carne durante o evento. Assim, o Acampamento Vegano se coloca como um ponto de resistência e reflexão, ocupando outro espaço da cidade em contraponto ao ritmo de consumo de carne do gaúcho.

Na realização do Acampamento Vegano, o coletivo Vanguarda Abolicionista⁴¹ também contribuía, divulgando a ideia da libertação animal, do veganismo e do anti-especismo. Já extinto, o coletivo atuava em diversos projetos, como em feiras e distribuição de comidas veganas para moradores de rua, além de panfletagens e divulgação das causas defendidas. Pode-se destacar também, como um caso interessante do vegetarianismo na cidade, o "Picanhas Grill Veg", uma churrascaria tradicional que passou por uma transformação e se tornou uma churrascaria vegana⁴². A transição de um cardápio baseado na carne para um cardápio 100% vegano, porém mantendo a tradição do churrasco, com rodízio de espetos, por exemplo, torna o restaurante um caso notável de estabelecimento e da inserção do vegetarianismo na cultura gaúcha. Não foi identificado nenhum dado oficial a respeito de um número aproximado de restaurantes vegetarianos na cidade, ficando assim o destaque ao caso do "Picanhas Grill Veg".


Em meio a projetos como o "Capital Mundial do Churrasco"⁴³, lançado recentemente pela prefeitura de Porto Alegre em colaboração com a iniciativa privada com a finalidade de promover a cultura do churrasco, o ativismo político vegetariano na cidade se faz cada vez mais necessário. Seja por motivações éticas ou ambientais, o consumo de carne no Estado e em sua capital precisa ser debatido, e o papel de coletivos, ONGs, e outras organizações na divulgação do vegetarianismo e expansão do mesmo, promove a oportunidade de mais pessoas se juntarem à luta.

Para o entrevistado, seria importante quebrar a imagem de que ter uma alimentação vegana, por exemplo, seja mais cara do que uma alimentação carnívora. A falta de educação e

⁴⁰ [Porto Alegre \(RS\) recebe "Acampamento Vegano" em contraponto à Semana Farroupilha](#)  Olhar Animal

⁴¹ [Vanguarda Abolicionista](#)

⁴² [No RS, churrascaria Picanhas Grill vira vegana contra sofrimento animal](#)  24/09/2021  JOL ECOA

⁴³ [Lançamento do projeto Capital Mundial do Churrasco reúne mais de 400 pessoas no Harmonia](#)  Prefeitura de Porto Alegre

informação acaba por criar imagens erradas a respeito da prática do vegetarianismo, em especial o veganismo. Enquanto uma alimentação vegana é apontada como uma dieta de alto valor, na visão do entrevistado, ainda é mais barata que uma alimentação à base de carnes, e não deveria receber tal “preconceito”. Essa ideia pode-se constituir ainda no caráter de distinção social que foi atribuído ao consumo de carne em diversas culturas ao longo da história e no fato que o ato de comer carne rotineiramente acontece principalmente em países de maior poderio econômico. Em benefício da causa, Arthur acredita que se deva promover mais feiras nas periferias, visto que hoje a maioria das feiras acontece em zonas centralizadas, além da promoção do estudo de questões alimentares nas escolas.

Conclui-se que a existência de um movimento vegetariano na cidade de Porto Alegre ainda não é estabelecida, havendo alguns coletivos e ONGs que atuam a favor da causa, principalmente na realização de eventos. Porém, ao se falar em protestos, manifestações, e afins, o ativismo político na cidade não age de forma mais contundente. Ressalta-se também a dificuldade em encontrar conexões entre os coletivos para poder supor uma organização política, caracterizando um movimento social. Ainda assim, admite-se as limitações nesse recorte, necessitando uma aproximação e um aprofundamento maior no ativismo da cidade, para compreender melhor o vegetarianismo e sua atuação além da dieta em Porto Alegre (o que, quem sabe, possa ser continuado numa Pós-graduação). Identifica-se um ativismo maior em alguns praticantes do veganismo, como havia no coletivo Vanguarda Abolicionista. Não se diminui a importância dos praticantes de outros tipos de vegetarianismos, sendo todos parceiros e bem-vindos na participação mais ativista do vegetarianismo. Destaca-se a resistência e importância desses coletivos ativistas, ao atuar numa cidade onde negar o consumo de carne animal é, de certa forma, negar parte da cultura do povo que ali vive.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando adentrei à universidade para estudar Geografia, a principal motivação para a escolha do curso era a vontade de entender e compreender as questões ambientais que colocam em risco a sustentabilidade do planeta, para que um dia fosse capaz de colaborar de alguma maneira para a construção de uma sociedade mais harmônica com a natureza. Não levou muito tempo para a área social, política e crítica da Geografia prender a minha atenção, e o famoso “embate” entre “a área natural x a área humana” do curso, do qual tanto se comenta, provocar um dilema na minha cabeça de estudante. Enquanto as disciplinas sociais e humanas me pareciam mais cativantes, a questão ambiental, a qual me motivou a estar ali naquelas salas de aula, não podia ser deixada de lado.

Algum tempo depois de ter entrado na faculdade, descobri o vegetarianismo na minha vida, e via que muitos colegas na universidade também se abstinham de comer carne, por diversos motivos, o que colaborou para que eu me mantivesse vegetariano e adentrasse cada vez mais nesse “mundo”. Pesquisando cada vez mais sobre o tema, assistindo documentários e convivendo em espaços e com pessoas que também não comiam carne, percebi que havia muita geografia no vegetarianismo.

Entre as tantas motivações para se tornar vegetariano, a que eu me identificava mais era, sem dúvidas, os benefícios ambientais que o ato de abdicar de comer carne trazia para o planeta. Era uma forma de colaborar de forma atuante com a questão ambiental, como desejava ao escolher a Geografia como curso para prestar o vestibular. E a discussão Geografia Natural x Geografia Humana não precisava necessariamente ser entre dois opostos, mas podia ser entre duas áreas complementares, pois “há toda uma série de sujeitos sociais cuja compreensão da sua própria natureza sociológica implica considerar o espaço e a natureza [...]” (PORTO-GONÇALVES, 2003, p. 4). Assim, as ações humanas e a produção do espaço geográfico interferiam diretamente na natureza, e não precisava mais optar entre um campo ou outro na Geografia: podia estudá-los de maneira mútua e interligada, pois não há questão ambiental dissociada da sociedade.

Dentro da Geografia Humana, o campo dos Movimentos Sociais me atraía. Enquanto outros campos permitiam um maior entendimento e compreensão da sociedade e do mundo, através dos movimentos sociais enxergava uma maneira de transformação, de modo a alterar o espaço geográfico, o sistema estabelecido e o modelo socioeconômico vigente. Desse modo,

compreender o impacto das ações humanas sobre o ambiente se fazia necessário, mas para transformar essa relação, era preciso englobar o campo dos Movimentos Sociais.

Enquanto avançava na Geografia, e o encaminhamento final da graduação se aproximava, a ideia de estudar e pesquisar mais a fundo o vegetarianismo, dialogando tanto com a Geografia Natural quanto a Humana, e o analisando como um possível Movimento Social, como uma prática que buscava transformar o espaço geográfico em vigor, parecia abranger aquilo que mais me seduziu nos anos de universidade até então. A partir de então, se deu início a este Trabalho de Conclusão de Curso.

Entrando na pesquisa, a proposta sempre foi abordar o vegetarianismo de forma equilibrada entre a visão pessoal e a visão de pesquisador, procurando evitar se deixar levar por militância, evitando escrever um “manifesto”. Analisar o movimento de forma científica, apontando sua importância ambiental, e não se fundamentar apenas em argumentos ideológicos e pessoais, era uma das metas da pesquisa. Para referenciar e agregar ao trabalho, foi complicado encontrar artigos e pesquisas dentro do campo da Geografia diretamente sobre o tema do vegetarianismo. Se por um lado, tornou um pouco mais difícil realizar o trabalho, por outro trouxe um teor de originalidade à pesquisa.

No primeiro momento, em “GEOGRAFIA DA CARNE”, a inspiração para o desenvolvimento do mesmo veio a partir do atlas “Geografia do Uso de Agrotóxicos no Brasil e Conexões com a União Europeia”, de Larissa Bombardi, lançado em 2017. O objetivo era idealizar o que Larissa propôs com o uso de agrotóxicos, mas através da produção de carne - guardadas as devidas proporções entre os trabalhos. O capítulo, o mais longo deste documento, talvez tenha sido também o mais complexo, tendo que ser necessário evitar se aprofundar muito em cada tema abordado, para que não se tornasse mais longo ainda (novamente levantando a possibilidade de ser continuado em outro momento). As tantas possíveis análises de todas as relações trabalhistas, econômicas, sociais, culturais e, claro, ambientais, por trás da produção e do consumo de carne merecem um trabalho dedicado unicamente a elas, para avaliar todas as abordagens que se pode fazer. Assim, neste trabalho, um leve apanhado da “Geografia da Carne” foi apresentado.

Para compreender o valor e a importância da carne no Estado do Rio Grande do Sul, o ensaio “O GAÚCHO E SEU MODO DE VIDA: A formação espacial da Banda Oriental do Uruguai”, apresentado por Luiz Fernando Mazzini Fontoura, em 2021, orientou o capítulo “A CARNE NO RIO GRANDE DO SUL”. O trabalho permitiu aprofundar na formação e na

constituição do território rio-grandense e, além disso, conceber a construção do modo de vida do gaúcho, e a presença da carne como fator relevante para a cultura local. Abrangendo questões territoriais, espaciais, identitárias e culturais, o trabalho acadêmico conversou com temas relacionados à Geografia Humana, trazendo a relevância do campo para a pesquisa. Para compreender o vegetarianismo, é preciso compreender também o valor simbólico da carne, e seu significado para diversas culturas, nesse caso a gaúcha. “A espécie humana não só bebe água como diz água, ritualiza-a, sacraliza-a, idolatra-a, estetiza-a cientifiza-a.” (PORTO-GONÇALVES, 2003, p. 3). Se nessa citação, Carlos Walter Porto-Gonçalves utiliza a água como exemplo para apontar as significações que criamos e que dão sentido à vida, aqui utilizamos a carne como objeto de estudo no capítulo.

Apresentadas algumas das relações por trás do consumo de carne, com foco nas implicações ambientais da produção e criação de animais, e depois o papel da carne na construção do modo de vida do gaúcho, o foco da pesquisa afinou para a cidade de Porto Alegre, capital do RS. Em “VEGETARIANISMO EM PORTO ALEGRE: OS DESAFIOS DO CONSUMO ENQUANTO ATO POLÍTICO”, analisamos a insustentabilidade da produção de carne para o planeta, reforçando questões ambientais vistas anteriormente, assim como o papel do vegetarianismo como movimento social, refletindo sobre sua presença num espectro de um movimento mais abrangente, como o ambientalista. Como base, bebemos da literatura de Carlos Walter Porto-Gonçalves e Manuel Castells, e seus apontamentos e reflexões acerca de movimentos sociais e espaço geográfico. Com esse contexto, a pesquisa teve como foco a capital do RS, a fim de analisar e identificar a existência do ativismo político do vegetarianismo na cidade, e seus desafios de se estabelecer num território de identificação cultural com a carne.

Assim, o subcapítulo “Movimento Vegetariano em Porto Alegre: ativismo na Capital do Churrasco” foi construído, tendo como principal referência para sua elaboração uma entrevista qualitativa realizada com Arthur Barcellos Bernd, coordenador do núcleo local de Porto Alegre da Sociedade Vegetariana Brasileira, ONG que atua a nível nacional e local na propagação do vegetarianismo, agindo em prol da causa de diversas maneiras, como ações e eventos locais, produção de relatórios, e através de parcerias com instituições e empresas. Outras organizações foram apresentadas também, como a Feira Vegana e a Vanguarda Abolicionista, essa última já extinta. Ressalta-se a diminuição da movimentação que atingiu o mundo como um todo após a pandemia de COVID-19, afetando assim a criação e sustentação de manifestações e organizações no âmbito do vegetarianismo.

Acredito que ao final desta pesquisa, o objetivo tenha sido alcançado. Os impactos ambientais causados pela produção e pelo consumo de carne no ritmo atual da sociedade, e as preocupantes previsões de insustentabilidade do planeta, caso esse ritmo não seja drasticamente diminuído, apontam para um tema imprescindível na discussão geográfica. Quanto à sugestão da adoção da prática do vegetarianismo como forma de combate a essa lógica de consumo que traz consequências irreversíveis ao meio ambiente, acredito ter sido realizada de forma embasada cientificamente, contribuindo para a construção do debate. Dentro da Geografia, durante esses anos de graduação até aqui, o diálogo a respeito dos benefícios ambientais de uma alimentação sem carne foi praticamente inexistente dentro do contexto de sala de aula. Espero, assim, que essa pesquisa sirva de inspiração para futuros projetos, trabalhos, artigos e construção científica a respeito do tema, seja na Geografia ou em outros campos científicos.

REFERÊNCIAS

ALTARES, Guillermo. A carne do futuro será a do passado. EL PAÍS BRASIL, Hoyos del Espino, 17 de jul. de 2015. Economía. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2015/07/15/economia/1436978368_459636.html>. Acesso em: 01 de out. de 2022.

ALTO consumo de carne e laticínios no Ocidente sustenta aquecimento global, diz estudo. ONU News, 2019. Disponível em: <<https://news.un.org/pt/story/2019/08/1682851>>. Acesso em: 04 de out. de 2022,

AMARAL, Ana Carolina. Amazônia perdeu 18 árvores por segundo em 2021, e desmate subiu 20% no país. Folha de S. Paulo, São Paulo, 18 de jul. de 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2022/07/amazonia-perdeu-18-arvores-por-segundo-em-2021-e-desmate-subiu-20-no-pais.shtml?utm_source=twitter&utm_medium=social&utm_campaign=comptw>. Acesso em: 01 de set. de 2022.

BENVEGNÚ, V. C.; MANRIQUE, D. (2020). Colonialidade alimentar? Alguns apontamentos para reflexão. Mundo Amazónico, 11(1): 39-56. <http://dx.doi.org/10.15446/ma.v11n1.76440>

BOMBARDI, Larissa Mies . Atlas ?Geografia do Uso de Agrotóxicos no Brasil e Conexões com a União Europeia?. São Paulo: FFLCH - USP, 2017 (Food and Agriculture Organization of the United Nations).

BOVINOS: O RS é o sétimo maior estado produtor de rebanho bovino no Brasil. Atlas Socioeconômico Rio Grande do Sul, 2020. Disponível em: <<https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/bovinos#:~:text=De%20acordo%20com%20a%20Pesquisa,passando%20para%205%25%20em%202020>>. Acesso em: 21 de set. de 2022.

BUENO, Marcio de Almeida. Porto Alegre (RS) recebe “Acampamento Vegano”, em contraponto à Semana Farroupilha. Olhar Animal, 2017. Disponível em: <<https://olharanimal.org/porto-alegre-rs-recebe-acampamento-vegano-em-contraponto-a-semana-farroupilha/>>. Acesso em: 05 de out. de 2022.

BURGIERMAN, Denis Russo. Deveríamos parar de comer carne? Super Interessante, 2020. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/ciencia/deveriamos-parar-de-comer-carne/>>. Acesso em: 02 de set. de 2022.

CANDIDO, Marcos. No RS, Churrascaria Picanhas Grill vira vegana contra sofrimento animal. Uol Ecoa, 2021. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2021/09/24/churrascaria-chamada-picanha-vingana-em-rs-contr-sofrimento-animal.htm>>. Acesso em: 09 de out. de 2022.

CARNE na alimentação: quais países lideram o ranking? G1, 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/agronegocios/noticia/2019/02/09/carne-na-alimentacao-quais-paises-lideram-o-ranking.ghtml>>. Acesso em: 31 de ago. de 2022.

Cascudo LC. História da Alimentação no Brasil. 3. ed. São Paulo: Global; 2004.

Cassidy ES, West PC, Gerber JS, Foley JA 2013 Redefining agricultural yields: from tonnes to people nourished per hectare. Environmental Research Letters 8; 034015.

CASTELLS, Manuel. O poder da identidade. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. 530p. (A Era da Informação: economia, sociedade e cultura, 2).

CHAVES, Fábio. SVB, Bela Gil e Prefeitura de São Paulo colocam mais seis receitas veganas na merenda escolar. Vista-se, 2019. Disponível em: <<https://www.vista-se.com.br/svb-bela-gil-e-prefeitura-de-sao-paulo-colocam-mais-seis-receitas-vegnas-na-merenda-escolar/>>. Acesso em: 04 de out. de 2022.

DALMASO, Isabela. Terráqueos: Conheça o documentário que levou milhares ao veganismo. Portal Vegano, 2022. Disponível em: <<https://portalvegano.com.br/blog/post/documentario-terraqueos>>. Acesso em: 04 de out. de 2022.

DONEDA, D.; SOARES, C. H.; ZANINI, M. C. C.; SILVA, V. L. da. Vegetarianismo muito além do prato: ética, saúde, estilos de vida e processos de identificação em diálogo. Revista Ingesta, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 176-199, 2020. DOI: 10.11606/issn.2596-3147.v2i1p176-199. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revistaingesta/article/view/167795>>. Acesso em: 7 out. 2022.

DUSSEL, Enrique. Europa, modernidade e eurocentrismo. In: LANDER, Edgardo (Org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina: Clacso, 2005.

Eisler MC, Lee MRF, Tarlton JF, Martin GB, Beddington J, Dungait, JAL, Greathead H, Liu J, Mathew S, Miller H, Misselbrook T, Murray P, Vinod VK, Saun RV, Winter M. 2014. Agriculture: Steps to sustainable livestock. *Nature* 507: 32–34.

ELOLA, Joseba. Mudança climática: O tempo está se esgotando. EL PAÍS BRASIL, Madri, 30 de nov. de 2014. *Ciência*. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2014/11/28/ciencia/1417200788_987389.html>. Acesso em: 01 de out. de 2022.

EMBRAPA. Embrapa. Qualidade da Carne. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/qualidade-da-carne/carne-bovina#:~:text=80%25%20da%20carne%20bovina%20consumida,de%206%20bilh%C3%B5es%20de%20reais>>. Acesso em: 31 de ago. de 2022.

Eshel G, Shepon A, Makov T, Milo R. 2014. Land, irrigation water, greenhouse gas, and reactive nitrogen burdens of meat, eggs, and dairy production in the United States. *Proceedings of the National Academy of Sciences (PNAS)* 111:11996–12001

FERNANDES, Samuel. Inpe: Amazônia tem recorde de desmatamento para julho. Folha de S. Paulo, São Paulo, 08 de jul. de 2022. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2022/07/amazonia-tem-recorde-de-desmatamento-para-o-mes-de-junho.shtml>>. Acesso em: 01 de set. de 2022.

Florket M, Teichert E, Bartund I, Eisner S, Wimmer F, Alcamo J. 2013. Domestic and industrial water uses of the past 60 years as a mirror of socio-economic development: A global simulation study. *Global Environmental Change* 23: 144-156.

Foley JA, Ramankutty N, Brauman KA, Cassidy ES, Gerber JS, Johnston M, Mueller ND, O’Connell C, Ray DK, West PC, Balzer C, Bennett EM, Carpenter SR, Hill J, Monfreda C, Polasky S, Rockström J, Sheehan J, Siebert S, Tilman D, Zaks DP. 2011. Solutions for a cultivated planet. *Nature* 478:337-42.

FONTOURA, Luiz F. M. A desigualdade regional no Brasil meridional. Niterói: Revista Geographia, (UFF), v. 12 n. 24, 2010. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13606>.

FONTOURA, Luiz F. M. A desigualdade regional no Brasil meridional. Niterói: Revista Geographia, (UFF), v. 12 n. 24, 2010.

FONTOURA, Luiz F. M. O Gaúcho e seu Modo de Vida: A formação espacial da Banda Oriental do Uruguai. Porto Alegre, 2021.

GALEANO, Eduardo. As Veias Abertas da América Latina. Rio de Janeiro: L&PM, 2010.

GIBBENS, Sarah. Vacas arrotam metano e contribuem para efeito estufa. Mas é possível evitar? National Geographic Brasil, 2020. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/meio-ambiente/2019/07/vacas-arrotam-metano-e-contribuem-para-efeito-estufa-mas-e-possivel-evitar>>. Acesso em: 04 de out. de 2022.

GIOVANAZ, Daniel. Terra indígena que mais queima em 2021 enfrenta avanço da pecuária, desmatamento e pesca ilegal. Rede Brasil Atual, 2021. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/terra-indigena-que-mais-queima-em-2021-enfrenta-avanco-da-pecuaria-desmatamento-e-pesca-ilegal/>>. Acesso em: 15 de set. de 2022.

GOMES, Rodrigo da Costa; FEIJÓ, Gelson Luiz Dias; CHIARI, Lucimara. Evolução e Qualidade da Pecuária Brasileira. Embrapa, 2017. Disponível em: <https://www.embrapa.br/documents/10180/21470602/EvolucaoQualidadePecuaria.pdf/64e8985a-5c7c-b83e-ba2d-168ffaa762ad>>. Acesso em: 07 de out. de 2022.

Grace D, Mutua F, Ochungo P, Kruska R, Jones K, Brierley L, Lapar L, Said M, Herrero M, Phuc PD, Thao NB, Akuku I, Ogutu F. 2012. Mapping of Poverty and Likely Zoonoses Hotspots. International Livestock Research Institute. Disponível em: https://cgspace.cgiar.org/bitstream/handle/10568/21161/ZooMap_July2012_final.pdf>. Acesso em: 07 de out. de 2022.

HIATH, M. A COLONIALIDADE DO QUE SE COME: SOBRE PRODUÇÃO DE CARNE E CRISE AMBIENTAL. Ensaios de Geografia, v. 1, n. 2, p. 59-72, 9 abr. 2013.

HIATH, M. A insustentabilidade ecológica da produção mundial de carne. 10 p.

Hoekstra AY, Mekonnen MM 2012. The water footprint of humanity. Proceedings of the National Academy of Sciences (PNAS) - USA 109: 3232–3237

IBGE. Prod. Pec. munic., Rio de Janeiro, v. 48, p.1-12, 2020. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/84/ppm_2020_v48_br_informativo.pdf>. Acesso em: 21 de set. de 2022.

INTERNATIONAL VEGETARIAN UNION. International Vegetarian Union, 2013. Definitions. Disponível em: <<https://ivu.org/index.php/definitions>>. Acesso em: 08 de ago. de 2022.

LE BOSSÉ, Mathias. “As questões de identidade em geografia cultural – algumas concepções contemporâneas”. Publicado em: Paisagens, textos e identidade. Rio de Janeiro; EdUERJ, 2004.

LEFF, E. (2015). Political Ecology: a Latin American Perspective. UFPR Desenvolvimento e Meio Ambiente, p. 29-64.

MADEIRO, Carlos. Pecuária responde por 75% do desmatamento em terras públicas da Amazônia. Uol Notícias, 2021. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/meio-ambiente/ultimas-noticias/redacao/2021/10/27/amazonia-87-do-desmate-em-terras-publicas-ocorreu-em-areas-nao-destinadas.htm>>. Acesso em: 01 de set. de 2022.

Mekonnen MM, Hoekstra AY 2011. National water footprint accounts: the green, blue and gray water footprint of production and consumption. Main report. UNESCO – Institute for Water Education. Disponível em: <<http://waterfootprint.org/media/downloads/Report50-NationalWaterFootprints-Vol1.pdf>>. Acesso em: 07 de out. de 2022.

MORINI, Thiago Ferrer. O negócio de alimentar a humanidade. EL PAÍS BRASIL, Madri, 24 de maio de 2015. Economia. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2015/05/22/economia/1432289810_956237.html#?rel=listaapoyo>. Acesso em: 02 de out. de 2022.

MORINI, Thiago Ferrer. Os reis da carne são brasileiros. EL PAÍS BRASIL, 17 de ago. de 2014. Economia. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2014/08/15/economia/1408113156_290315.html>. Acesso em: 04 de out. de 2022.

NICHOLS, Madaline Wallis. El Gaucho. Buenos Aires: Ediciones Peuser, 1953.

NUNES, Ernesto Luiz Marques. Vegetarianismo além da dieta: ativismo vegano em São Paulo. 2010. 129 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. A Geograficidade do Social: uma contribuição para o debate metodológico sobre estudos de conflitos e movimentos sociais na América Latina. In: José Seoane. (Org.). Movimientos sociales y conflicto en América Latina. 1ªed. Buenos Aires: Clacso-Osal, 2003, v., p. 261-277.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: QUIJANO, Anibal. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.

REVERBEL, Carlos. O gaúcho. Aspectos de sua formação no Rio Grande e no Rio da Prata. Porto Alegre: L&PM, 1986.

RIBEIRO, Cilene da Silva Gomes; CORÇÃO, Mariana. O CONSUMO DA CARNE NO BRASIL: ENTRE VALORES SÓCIOS CULTURAIS E NUTRICIONAIS. DEMETRA: Alimentação, Nutrição & Saúde, [S.l.], v. 8, n. 3, p. 425-438, nov. 2013. ISSN 2238-913X. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/demetra/article/view/6608>>. Acesso em: 07 out. 2022.

RS consome 10 kg a mais de carne que a média nacional. Beefpoint, 2010. Disponível em: <<https://www.beefpoint.com.br/rs-consume-10-kg-a-mais-de-carne-que-a-media-nacional-68479/>>. Acesso em: 21 de set. de 2022.

SAGRILO, Lauro Pereira Zago. Origem e evolução da pecuária de corte no Rio Grande do Sul. Trabalho de Conclusão de Curso (Medicina Veterinária) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

Schmidinger K, Stehfest 2012. Including CO2 implications of land occupation in LCAs—method and example for livestock products. The International Journal of Life Cycle Assessment 17: 962-972

SICADERGS. Sicadergs. Sicadergs. Disponível em: <<https://sicadergs.com.br/sicadergs>>. Acesso em: 21 de set. de 2022.

SINGER, Peter. Libertação animal: o clássico definitivo sobre o movimento pelos direitos dos animais. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013. 461 . p.

SOCIEDADE VEGETARIANA BRASILEIRA. Comendo o Planeta - Impactos Ambientais da Criação e Consumo de Animais. São Paulo, 2018. Disponível na internet em: <<https://sites.svb.org.br/livros/>>. Acesso em: 07 de out. de 2022.

SOCIEDADE Vegetariana comemora o Dia do Voluntário com Veganic em diversas cidades brasileiras. SVB, 2022. Disponível em: <<https://www.svb.org.br/2686-sociedade-vegetariana-comemora-o-dia-do-voluntario-com-veganic-em-diversas-cidades-brasileiras>>. Acesso em: 04 de out. de 2022.

SORRE, Max. Geografia. São Paulo: Ática, 1984.

SVB. Opção Vegana, 2020. Página Inicial. Disponível em: <<https://opcaovegana.svb.org.br/>>. Acesso em: 04 de out. de 2022.

SVB. Selo Vegano, 2018. Página Inicial. Disponível em: <<https://svb.org.br/selovegano/>>. Acesso em: 04 de out. de 2022.

TOMASI, Manoela. Lançamento do projeto Capital Mundial do Churrasco reúne mais de 400 pessoas no Harmonia. Prefeitura de Porto Alegre, 2022. Disponível em: <<https://prefeitura.poa.br/gp/noticias/lancamento-do-projeto-capital-mundial-do-churrasco-reune-mais-de-400-pessoas-no>>. Acesso em: 05 de out. de 2022.

TORRES, Raquel. Terra, Aquecimento e Carne: o novo relatório do IPCC. Outras Palavras, 2019. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/outrasaude/terra-clima-e-carne-o-novo-relatorio-do-ipcc/>>. Acesso em: 04 de out. de 2022.

United Nations Department of Economic and Social Affairs, Population Division (2022). World Population Prospects 2022: Summary of Results. UN DESA/POP/2022/TR/NO. 3.

VANGUARDA ABOLICIONISTA. Vanguarda Abolicionista. Página Inicial. Disponível em: <<http://vanguardaabolicionista.blogspot.com/>>. Acesso em: 05 de out. de 2022.

VIEIRA, P., BUAINAIN, A., CONTINI, E., GRUNDLING, R.. Geopolítica das carnes: mudanças na produção e no consumo. Revista de Política Agrícola, 30 de jul. de 2021. Disponível em: <<https://seer.sede.embrapa.br/index.php/RPA/article/view/1618>>. Acesso em: 07 Out. 2022.

